



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

KARLA JORDANA DE MORAES CARVALHO

**OS SENTIDOS SUBJETIVOS DA HOMOSSEXUALIDADE EM UM CONTEXTO
EVANGÉLICO**

Brasília/DF

2016

KARLA JORDANA DE MORAES CARVALHO

**OS SENTIDOS SUBJETIVOS DA HOMOSSEXUALIDADE EM UM CONTEXTO
EVANGÉLICO**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
requisito básico para obtenção do grau de
psicólogo. Professor-orientador: Doutor
José Bizerril Neto.

Brasília/DF

2016

KARLA JORDANA DE MORAES CARVALHO

**OS SENTIDOS SUBJETIVOS DA HOMOSSEXUALIDADE EM UM CONTEXTO
EVANGÉLICO**

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB como requisito parcial
à conclusão do curso de Psicologia.
Professor-orientador: Doutor José Bizerril
Neto.

BRASÍLIA, _____ de _____ 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. José Bizerril Neto, Dr.

Profa. Ana Flávia Madureira, Dra.

Professor/a convidado/a

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe Carminha, ao João Pedro, meu companheiro, e às minhas amigas que me apoiaram e estiveram o tempo todo torcendo por mim. Ao meu professor José Bizerril que me orientou e acreditou no meu potencial. A todo(a)s o(a)s professore(a)s e supervisore(a)s que eu tive a oportunidade de conhecer durante a graduação, como Tatiana Lionço, Leonardo Mello, Camila Moraes, Valéria Mori, Ingrid Raad, Morgana Queiroz, Amália Perez, Ilsimara Moraes, Cristina Azevedo e tanto(a)s outro(a)s, que me apresentaram às diversas áreas da Psicologia e foram inspiradores para o meu futuro profissional. Guardarei cada um deles na memória com muito carinho. A todo(a)s que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, obrigada.

RESUMO

Este é um trabalho de Monografia de conclusão de graduação em Psicologia que tem como problema de pesquisa analisar as tensões que emergem na relação entre subjetividade e religiosidade na experiência de um jovem que reconheceu sua identidade homossexual e cristã ao mesmo tempo. Levando em consideração que o Brasil é um país majoritariamente cristão e que a sociedade é heteronormativa, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como se deu o processo de construção da subjetividade do sujeito de pesquisa que vivenciou o processo de descoberta da homossexualidade dentro de um contexto cristão evangélico. A metodologia usada foi o método construtivo-interpretativo de Fernando González Rey. Foram feitas duas dinâmicas conversacionais com um sujeito de pesquisa adulto, que se identifica como homossexual e cristão. Para a criação do cenário de pesquisa, foi utilizada a exibição do filme Orações para Bobby (*Prayers for Bobby*). As dinâmicas conversacionais foram gravadas e analisadas posteriormente. Na construção da informação foi possível observar as tensões entre a identidade sexual e a religião como um fator de condenação da experiência do sujeito, a consequência da moral cristã em suas crenças, comportamentos e pensamentos. Pôde-se perceber também que a história de vida do sujeito de pesquisa é marcada por ambivalências, tanto em relação às suas experiências íntimas como em sua vida profissional, na igreja e na família. Ele se encontra em conflito cotidianamente no que ele faz se é pecado ou não por ser homossexual, se ele deve se mostrar de mais ou de menos em determinados lugares, se ele deve ser o que ele é ou o que as pessoas esperam que ele seja. Toda essa ambiguidade é constitutiva, pois o discurso cristão dominante é um discurso que inferioriza e acusa o homossexual. Portanto, foi possível identificar com os relatos do sujeito de pesquisa o embate entre a experiência da identidade sexual e a subjetividade social em que ele se encontra na qual o sentido da homossexualidade é promiscuidade, pecado e antinatural.

Palavras-chave: Homossexualidade. Religiosidade. Protestantismo. Subjetividade. Identidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1.....	9
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
HOMOSSEXUALIDADE E SOCIEDADE.....	9
HOMOSSEXUALIDADE E PROTESTANTISMO.....	15
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL.....	18
TEORIA DA SUBJETIVIDADE.....	23
CAPÍTULO 2.....	28
MÉTODO.....	28
CAPÍTULO 3.....	31
CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	31
DESCOBERTA DA HOMOSSEXUALIDADE.....	32
RELAÇÃO FAMILIAR.....	36
VIVÊNCIAS EM IGREJA.....	39
VIDA PROFISSIONAL.....	42
NEGOCIAÇÃO DO “ARMÁRIO”.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXO.....	52
ANEXO A.....	53

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a analisar os sentidos subjetivos produzidos por um indivíduo cristão que cresceu em um ambiente cristão evangélico e se descobriu homossexual. Tem como problema de pesquisa a seguinte pergunta: quais tensões emergem na relação entre subjetividade e religiosidade quando o indivíduo se reconhece homossexual e cristão ao mesmo tempo? Para tal questionamento, serão discutidos temas como religião, gênero, sexualidade, subjetividade, etc.

Sabe-se que historicamente a homossexualidade é rejeitada por denominações cristãs (BARRETO; OLIVEIRA, 2012). E que nossa sociedade está estabelecida dentro de um sistema heteronormativo, em que o modo de organização binária de gênero e sexualidade privilegia homens e mulheres heterossexuais e consequentemente prejudica pessoas que divergem dessa norma (BUTLER, 2003).

Hoje em dia, os espaços religiosos evangélicos que recebem os homossexuais estão crescendo. Mas pode-se observar que muitos desses espaços recebem os homossexuais com o discurso do acolhimento, que muitas vezes vem acompanhado de estratégias de treinamento para a “mudança” da sexualidade vista como uma prática desvirtuada e pecaminosa (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

Considerando esse contexto, esta pesquisa busca dar voz às identidades homossexuais. Entendo que seja importante dar visibilidade aos homossexuais que vivenciam a homossexualidade em ambiente cristão para que seja percebido o sofrimento dessas pessoas já que elas não se encaixam nas exigências de uma sociedade que tem como norma o modelo heterossexual e que é majoritariamente cristã.

Um olhar para a produção de sentidos subjetivos de um sujeito homossexual dentro de um contexto cristão é importante para a psicologia, pois complementa um debate mais amplo que já vem sendo desenvolvido sobre diversidade sexual, homofobia e religião, e pelo fato de que questões referentes à religiosidade são, tradicionalmente, pouco investigadas no âmbito da ciência psicológica.

Para tanto, os objetivos dessa pesquisa foram: (a) Investigar como foi o processo de descoberta da homossexualidade de um jovem que cresceu dentro de um contexto evangélico cristão; (b) Compreender como se deu o processo de

construção da subjetividade do sujeito de pesquisa e (c) Analisar como a religião colabora com o sofrimento psíquico do sujeito.

Ao longo desta Monografia os conteúdos foram divididos em capítulos. No primeiro capítulo inclui a fundamentação teórica que é composta por temas como homossexualidade e sociedade, homossexualidade e protestantismo, processo de construção da identidade homossexual e a teoria da subjetividade. O segundo capítulo é composto pelo método e o terceiro capítulo inclui a construção da informação que é composta pela discussão dos temas: descoberta da homossexualidade, relação familiar, vivências em igreja, vida profissional e negociação do “armário”. Por fim, a Monografia é finalizada com as considerações finais, respectivamente.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir serão apresentados os seguintes temas: gênero, sexualidade, religião e a teoria da subjetividade proposta por Fernando González Rey.

Homossexualidade e sociedade

A sociedade brasileira ainda dita o que é normal e o que é natural em matéria de sexualidade pelo modelo heterossexual. Quando se fala em relações sociais de sexo¹, logo se associa a relações entre os sexos, entre homens e mulheres. Essa é uma visão naturalista e essencialista que influencia no modo como os grupos de homens são estruturados. Meninos são educados desde cedo que precisam se esforçar sabendo que para ser um "verdadeiro homem" eles têm de se opor a todo aspecto que possa fazer com que sejam associados às mulheres. Seria uma luta diária para se afirmar viril (WELZER-LANG, 2001).

Para Butler (2003), a sociedade ocidental é heteronormativa, o que significa dizer que há um sistema binário de gênero que institui uma norma, uma coerência e uma continuidade entre sexo, gênero e sexualidade. As pessoas esperam que uma pessoa que nasça com uma vagina, será "feminina" e terá relações sexuais com homens, e que uma pessoa que nasça com um pênis será "masculina" e terá relações sexuais com mulheres. Essa é uma lógica classificatória que opera supondo que só existem dois tipos de sujeito, ou é homem ou é mulher, e que existe uma atração e uma complementaridade inata entre eles.

A heteronorma se relaciona com questões culturais. Em nossa sociedade há normas culturais que fazem com que a heterossexualidade seja quase que inevitável, pois nas configurações sociais existe uma regulação social que impulsiona os indivíduos a serem heterossexuais. Quando um bebê nasce com um pênis, as pessoas geralmente esperam que ele seja um menino e que ele vai ter atração por mulheres quando crescer. Há um investimento social por parte da

¹ Relações sociais de sexo são as relações, por exemplo, de dominação masculina na sociedade. Há espaços sociais delimitados que se "rejeita" a voz feminina havendo uma dominação masculina, como em estádios de futebol, botecos, clubes, etc (WELZER-LANG, 2001).

família, igreja, escola, leis no desenvolvimento das pessoas para que quando forem adultas, sejam reconhecidas como homens ou mulheres (LOURO, 2008).

Esse modo de estruturação acarreta consequências em vários modos de vida, principalmente na homossexualidade que desloca a pessoa da heteronorma, porque uma parte da definição de homem implica em ter atração por mulher. Ou seja, a homossexualidade é vista como uma sujeição do homem a uma prática sexual “feminina” de passividade. Mas mesmo na homossexualidade, há uma valorização dos gays masculinizados com uma rejeição à afeminação e grupos de gays tentando dissociar-se dos gays afeminados, que ainda “soltam a franga”. Há até a hierarquia entre passivos e ativos: os passivos são aqueles que desempenham um papel degradante e os ativos de superioridade, assim como na relação sexual entre homem e mulher (ERIBON, 2008).

Segundo Eribon (2008), os homossexuais se constituem dentro de uma realidade de injúria, degradação e caricatura de si mesmos e a relação homossexual sempre é referida à norma numa associação para identificar, por exemplo, quem é o “homem” da relação. Essa noção de inversão é apenas um modo de injúria. Nessa linha de raciocínio, o masculino é superior ao feminino, o homem que gosta de mulher é superior ao que gosta de homem, a relação que une diferenças é superior à que une semelhanças.

As pessoas tendem a dar “explicações heterossexuais” para os desejos. Nessa perspectiva, se uma mulher sente prazer em ter relações sexuais com outra mulher ela estaria exercendo o papel do homem ou o da mulher naquele momento? É como se em todo mundo houvesse um feminino ou um masculino ou um pouco dos dois, mas que um homem gay é masculino, porém, psicologicamente é feminino (SEDGWICK, 2007).

Butler (2003) denomina isso de “heterossexualização do desejo”: há uma produção da oposição entre feminino e masculino sendo representados sempre como “macho” e “fêmea”, e o que foge desse padrão é considerado uma falha no desenvolvimento. Nesse modo de pensar, não se abre espaço para a diversidade restringindo-se a uma explicação limitada de gênero.

Faz-se necessário então diferenciar gênero e sexualidade. Gênero é um conceito que diz respeito ao modo como as características sexuais são representadas nas práticas sociais, então as relações sociais constroem os gêneros. O gênero é uma construção em processo, ele não existe a priori e é constituinte da

identidade dos sujeitos, processo contínuo de articulação entre o indivíduo e o social, ou seja, o gênero faz parte da constituição do indivíduo. Sexualidade tem a ver com o desejo erótico, é o uso do próprio corpo para sentir prazeres (LOURO, 1997).

De acordo com Louro (1997), identidades sexuais são as formas como as pessoas vivenciam sua sexualidade com seus parceiros sexuais (heterossexual, homossexual, bissexual, etc.). As identidades de gênero são a identificação social das pessoas com o masculino e o feminino (usos do corpo, fala, gestos percebidos como mais masculinos ou mais femininos). Essas identidades sexuais e de gênero estão relacionadas, mas são diferentes. Ou seja, pessoas mais masculinas ou mais femininas podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais, etc. Essas identidades são sempre construídas e não acabadas, são instáveis e estão sempre em transformação. Além disso, a própria definição de masculino e feminino são classificações culturalmente específicas; não há nada que seja naturalmente masculino ou feminino.

Quando se fala do masculino, a visão heterocentrada coloca a relação heterossexual em uma posição supostamente superior à relação homossexual. A heterossexual sendo a principal e as outras diferentes e marginais. Então quem não se encaixa na heterossexualidade acaba sofrendo discriminação (WELZER-LANG, 2001). É como se as pessoas que discriminam sentissem certa ameaça dos homossexuais, que será explicada nos próximos parágrafos.

Atualmente, na política no Brasil se discutem questões como o aborto, legalização de drogas, casamento homossexual e outros assuntos com uma perspectiva antiquada, de que as minorias estariam fazendo mal para a sociedade ou que são uma ameaça. Consequentemente, o efeito é uma visão criminalizante ou patologizante, “resolvendo” o problema do vírus HIV culpando a homossexualidade, por exemplo. Isso acontece muito por conta da quantidade de políticos que hoje temos com envolvimento fundamentalista religioso neopentecostal. Os fundamentalistas seguem seus livros sagrados “ao pé da letra”, dizendo que eles são a revelação divina que não pode ter interferência de interpretações humanas (SANTOS, 2014).

O impacto dos fundamentalistas (carismáticos e pentecostais) no meio político é grande, por causa de seu crescimento em todo o mundo. Esse movimento no Brasil usa muitos meios de comunicação como canais de televisão, rádio, jornais. As

suas mensagens chegam a um grande público. Hoje a segunda maior bancada do Congresso Nacional do Brasil é a dos evangélicos (FERNANDES, 2013; SANTOS, 2014).

Os fundamentalistas têm como discurso principal que a contemporaneidade liberalizou questões como a família, educação, aborto e homossexualidade, indo em direção oposta aos valores cristãos (SANTOS, 2014). Isso faz com que tais cristãos vejam essas pessoas que têm práticas que vão contra os valores cristãos, como ameaça à sociedade ou aberração. Consequentemente, é gerado um preconceito contra essas minorias que são vistas como uma ameaça e possivelmente isso se refletirá como discriminação, que são atos de exclusão contra esses grupos, são reações frente ao preconceito. Essa estratégia pode ser chamada de “pânico moral”.

Pânico moral é um medo da sociedade devido a mudanças súbitas que são vistas como ameaçadoras, como a admissão do casamento gay. Segundo Thompson (1998, citado por MISKOLCI, 2007), para o surgimento do pânico moral, primeiro algo é determinado como perigo, depois esse perigo é mostrado pelas mídias e reconhecido pelas pessoas formando preocupações. Então, os formadores de opinião e as autoridades mostram suas opiniões sobre aquilo pelas mídias, consequentemente o pânico acaba ou acontecem mudanças sociais, como mobilizações sociais contra o que se está sendo proposto.

Antigamente, a sociedade, por causa da chamada “inversão sexual”, tinha medo da homossexualidade por ameaçar a reprodução biológica, a hierarquia dos sexos na família e na sociedade, os valores que davam uma visão de mundo. Por tudo isso, os médicos chegaram a classificar os homossexuais até como loucos, além de compará-los com criminosos, prostitutas, etc. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Os homossexuais foram vítimas de práticas sociais como internações, prisão, terapia. Por muito tempo, pesquisadores trabalharam para achar uma “cura para a homossexualidade” (sic.) e sempre tiveram a visão de que seria uma sexualidade sem solução ou degenerada. Hoje em dia, essa visão vem mudando, mas há ainda muitos grupos sociais que não aceitam essas práticas por questões religiosas ou morais, achando que os homossexuais poderiam ser uma possível ameaça à tradição. O casamento gay é visto hoje como uma forma de mudança que provoca medo por mudar valores tradicionais e conservadores, como em relação à posição

de poder entre gêneros, onde a mulher sai da posição de submissão ao homem e o homem sai da posição de único provedor. Essas mudanças e saídas da zona de conforto provocam reações nas pessoas que podem ser violentas (MISKOLCI, 2007).

O pânico moral mostra que o grau de diversidade que a sociedade aceita tem limites. Seria uma situação que um grupo da sociedade é percebido como se estivesse ferindo a ordem moralmente aceita. Isso faz com que as pessoas que se sintam ameaçadas, tendam a querer fazer algo (controle social) com as pessoas que estão “ameaçando”. Muitas pessoas acreditam que a causa de alguns problemas sociais seria a falta de controle que temos sobre as pessoas que estão infringindo o que é certo, e que o melhor a se fazer seria investir em esforços para criminalizar, por exemplo, essas pessoas (MISKOLCI, 2007).

Nessa perspectiva, a homossexualidade pode ser vista como algo que foge do tradicional, logo, uma ameaça. A homofobia, o medo voltado aos homossexuais, é uma reação da sociedade como um pânico moral à homossexualidade. É um medo que as pessoas não sejam homens ou mulheres “autênticos” (LOURO, 1997). Segundo Borrillo (2009), a homossexualidade se torna inaceitável quando os homossexuais reivindicam a equivalência com a heterossexualidade. A homofobia, então, é o medo do reconhecimento dessa equivalência e se manifesta também pelo desconforto de ver desaparecer a hierarquia da heteronormatividade.

Dito de outro modo, a desqualificação das performances de gênero divergentes como sendo “imprópria” pode ser chamada de homofobia. É possível observar que no Brasil casais heterossexuais que se beijam na rua são socialmente aceitos. Mas casais homossexuais só andando de mãos dadas são vistos com certa estranheza e associados até à promiscuidade, vistos como impróprios e inadequados (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

A homofobia se tornou como uma guardiã da barreira entre as identidades sexuais (hetero versus homo) e as de gênero (masculino versus feminino). Por conseguinte, os homossexuais acabam não sendo as únicas vítimas da homofobia, mas também todas aquelas pessoas que não seguem a heteronormatividade, como: travestis, transexuais, bissexuais, homens heterossexuais com comportamentos considerados delicados ou sensíveis demais para homens, mulheres que tem uma personalidade muito forte, etc (BORRILLO, 2009).

Segundo Borrillo (2009, p.28), “a homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social àqueles ou àquelas que supostamente sentem desejo ou têm relações sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”. Inicialmente homofobia foi caracterizada como ódio e rejeição irracional contra os homossexuais, mas esse pensamento é reducionista. Assim como outras formas de discriminação, a homofobia é uma manifestação que qualifica o outro como inferior e anormal. Anteriormente os estudos problematizavam a homossexualidade, investigando a origem e o porquê de algumas pessoas serem homossexuais. Hoje os estudos se voltam para o que levou a homossexualidade ser vista como desviante. Agora, é a homofobia que é problematizada.

A homofobia pode se manifestar de variadas formas. Pode-se observá-la em piadas cotidianas ou em formas mais agressivas, como até assassinato. Ela aparece nos insultos cotidianos e também nas falas de especialistas, políticos, professores, pessoas em posição de referência. A homofobia é um fenômeno tão naturalizado que faz parte do senso comum. É comum os pais sofrerem por descobrirem que sua filha ou filho se descobriu gay e não se inquietarem quando seus filhos têm atitudes homofóbicas, já que a homofobia está presente no discurso e nas práticas cotidianas (BORRILLO, 2009). Portanto, a homofobia implica nas relações sociais. Ela é a explicação de muitos atos de discriminação que acontecem cotidianamente, seja nas relações mais íntimas ou não.

Para Borrillo (2009), homofobia denota dois aspectos que são de uma mesma realidade. A primeira é uma dimensão pessoal de natureza afetiva, que se mostra pelos comportamentos de rejeição aos homossexuais. A segunda é a dimensão cultural de natureza cognitiva, em que a rejeição se manifesta não contra os homossexuais, mas a homossexualidade. Com isso, é possível perceber na sociedade as pessoas que simpatizam com alguns homossexuais, mas são contra o avanço de direitos por qualquer política de igualdade. Essa linha de pensamento se assemelha com os discursos vindos das igrejas cristãs evangélicas, que será discutido no tópico seguinte.

A religião cristã contribui para a construção das identidades de gênero e sexuais, e influenciou historicamente em como as pessoas enxergam essas identidades. Então, levando em consideração o interesse dessa pesquisa, convém fazer uma discussão sobre homossexualidade e cristianismo protestante.

Homossexualidade e Protestantismo

Historicamente, o posicionamento do Protestantismo² foi o de rejeitar as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo por serem vistas como pecado, doença ou possessão de demônios. Como consequência, a igreja limita a participação dos homossexuais nas atividades religiosas (BARRETO; OLIVEIRA, 2012).

Para Barreto e Oliveira (2012), a religião cristã influenciou na formação tanto das identidades e relações de gênero (masculino e feminino), sexualidade e representações da sociedade Ocidental, quanto das relações de poder. As relações interpessoais vêm sendo estruturadas também por normas, valores e ensinamentos vindos do Cristianismo, o que influencia na construção da identidade de gênero.

Quando o Cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano, usou o poder militar para uma imposição de seus padrões morais. O Cristianismo acabou desenvolvendo um conceito de sexualidade limitado, associando diretamente ao ato sexual exclusivamente em relacionamento monogâmico com o objetivo de procriação. Então, a religião cristã mostrou a sexualidade como prática desonrosa, desvinculando o sexo do desejo e do prazer. A igreja começou a estabelecer com quem, quando e onde as pessoas fariam sexo, normatizando a prática sexual (BARRETO; OLIVEIRA, 2012).

Com a laicização do Estado no século XX, o poder da igreja foi diminuído e uma das consequências foi a mudança de concepção do Protestantismo sobre as práticas sexuais. O sexo começou a ser aceito em relações monogâmicas heterossexuais, mas também para o prazer do casal. Com o nascimento de grupos militantes homossexuais e feministas, houve novamente uma flexibilização no Protestantismo com o acolhimento dos homossexuais por parte das igrejas históricas (Anglicanas, Luteranas, Presbiterianas e Metodistas). Nos anos 70 surgiram as primeiras igrejas gays, lideradas por homossexuais e com o objetivo de servir homossexuais. Atualmente há várias denominações cristãs para

² Protestantismo: “termo usado para identificar as igrejas cristãs e os fiéis de qualquer tradição teológica, seja calvinista, arminiana, evangélica, pentecostal etc. Referem-se às igrejas e fiéis organizados em denominações ou congregações independentes que reconhecem na Bíblia a sua autoridade final em matéria de fé e prática, e que se identificam histórica e teologicamente com os princípios de livre interpretação bíblica e necessidade de conversão pessoal à fé cristã conforme foram postulados e defendidos da Reforma Protestante do século XVI” (BARRETO; OLIVEIRA, 2012, p. 6).

homossexuais e igrejas chamadas “igrejas inclusivas³” (BARRETO; OLIVEIRA, 2012).

Em uma pesquisa feita por Natividade e Oliveira (2013) a partir de páginas da internet, como blogs, portais e sites oficiais de instituições religiosas evangélicas conservadoras, pôde-se identificar o discurso do “acolhimento” para gays e lésbicas nas igrejas. No Brasil, em contexto religioso, a “acolhida” é “empregada para assinalar uma disposição para a incorporação ao culto e seus subsequentes processos de purificação ritual e sujeição aos códigos de santidade” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 153).

O “acolhimento” é visto nas instituições como um cuidado pastoral com técnicas de direção espiritual e controle sobre o sexo. Essa prática é mostrada para assinalar que essas instituições evangélicas não excluem os homossexuais dos espaços religiosos, mas sim os acolhem. Tendo em vista que há várias denominações cristãs com variados tipos de discurso, a análise da pesquisa feita por Natividade e Oliveira (2013) foi feita dos discursos de agentes de instituições evangélicas conservadoras na internet. Levou à conclusão de que há dinâmicas de inclusão e exclusão, e há modos de controle que não levam à aceitação da diversidade sexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

Essas iniciativas se anunciam como movimentos de apoio e ajuda às pessoas LGBT. Acreditam que pessoas homossexuais precisam de aconselhamento e “cura”. Os discursos sempre pressupõem que a homossexualidade é um estado. Sendo assim, as pessoas não são homossexuais, elas “estão” homossexuais. O aconselhamento visa mostrar para o homossexual que sua natureza é heterossexual, para que a pessoa recuse sua identidade homossexual como legítima. Esse tipo de estratégia tem como motivação “livrar o mundo do avanço do pecado” e indicam uma demonização da diversidade sexual:

O homossexual é condenado à danação eterna, conquanto toma a decisão de “aceitar a Jesus” e purificar seu corpo da prática do pecado, concordando em morrer para si e renascer como criatura transformada: um ex-homossexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, p. 157, 2013).

Natividade e Oliveira (2013) resumem esse movimento voltado ao acolhimento dos homossexuais com a máxima: “acolher o pecador e odiar o

³ “Igreja inclusiva” é uma nova configuração de igreja, que acolhe e trata tanto homossexuais como heterossexuais com igualdade de direitos religiosos (BARRETO; OLIVEIRA, 2012).

pecado”. O discurso sobre acolhimento articula formas de controle da sexualidade com formas de homofobia. A homofobia religiosa⁴ no cuidado pastoral é percebida nos discursos de pessoas LGBT com passagens por religiões cristãs. O que embasa essas práticas e o que traz certa unidade a esses discursos em uma religião tão heterogênea, são os fundamentos cosmológicos e interpretações conservadoras da bíblia. A homossexualidade é vista nessa lógica só como uma prática sexual, algo que pode ser controlado.

A título de exemplo, menciono um dos entrevistados da pesquisa de Natividade e Oliveira (2013) que é homossexual e passou por religiões cristãs. Ele relata que depois de ter saído da igreja, uma amiga o chamou para sua igreja dizendo que a mesma aceitava homossexual. Ele conversou com o pastor dizendo que ele é homossexual e perguntou se o pastor faria a cerimônia de casamento com seu parceiro. O pastor disse que o aceita, que ele seria amado, mas não faria o casamento. Então, o entrevistado ficou se perguntando que tipo de aceitação era essa.

Natividade e Oliveira (2013) chamam esse acolhimento de “estratégia política higienista”. São ações sutis no cotidiano que não são tão diretivas como violência física e agressão verbal, mas desqualificam e deslegitimam a diversidade sexual. Esta é uma forma de homofobia que difere das outras “homofobias”, pois a homofobia religiosa se apresenta como uma forma de cuidado e amor para com o outro, “de acordo com a ética cristã”.

Considerar a homossexualidade um pecado é um problema, pois esses tipos de discursos vindos de religiosos conservadores radicais não legitimam as identidades LGBT e vão contra o progresso das reivindicações de direitos por essa minoria. Vale ressaltar que dentro dessa realidade cristã evangélica há vozes divergentes. Há líderes dentro dessas igrejas que flexibilizam as normas da igreja e há denominações que aceitam os homossexuais e tratam heterossexuais e homossexuais com os mesmos direitos religiosos, como nas igrejas inclusivas já citadas aqui (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

⁴ Homofobia religiosa: “conjunto muito heterogêneo de práticas e discursos baseados em valores religiosos que opera por meio de táticas plurais e polimorfos de desqualificação e controle da diversidade sexual” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, p. 81, 2013).

Considerando a realidade de muitos homossexuais que crescem em uma realidade religiosa cristã, faz-se necessária a discussão do processo de construção da identidade homossexual.

Processo de construção da identidade homossexual

Os gays foram historicamente sujeitados pela ordem sexual vigente (heterossexualidade) e isso fez com que muitos lutassem por um espaço, por liberdade, por um "mundo gay". Assim, o homossexual em sua trajetória de vida passa pelo processo de subjetivação e ressubjetivação. Frequentemente, ele cresce em um contexto opressor e vai se desenvolvendo, se descobrindo de acordo com os recursos que ele possui no momento, acontecendo assim a subjetivação. Já que o homossexual constrói sua subjetividade dentro de uma cultura e ordem social opressora, quando percebe essa falta de liberdade e direitos, acaba buscando meios de se posicionar e se impor na sociedade, acontecendo assim a ressubjetivação, que é uma possibilidade de recriar a identidade pessoal a partir da identidade atribuída. O que significa dizer que a reinvenção da identidade depende da identidade imposta pela ordem sexual (ERIBON, 2008).

O desenvolvimento da identidade, da subjetividade e da personalidade dos gays é marcado pela injúria. Um sinal da vulnerabilidade de um gay é o fato de que todos irão em algum momento da vida receber injúria de alguma forma, com palavras agressivas que marcam a vida da pessoa. Mesmo os que falam que nunca sofreram injúria sabem e sentem que vivem em um ambiente que é possível haver uma agressão verbal a qualquer momento. Uma das consequências da injúria é moldar a relação que o sujeito tem com o mundo e com ele mesmo. A injúria mostra para a pessoa que ela é diferente dos outros e os gays aprendem que são diferentes das demais pessoas na vivência da injúria e seus efeitos, na surpresa, quando de repente alguém os chama de algo desagradável ou os olha com estranheza (ERIBON, 2008).

A subjetividade dos homossexuais é estruturada também a partir dos meios que ele encontra de fugir da injúria e da violência, isso quer dizer que ele abdica da liberdade de ser o que ele realmente quer ser para se encaixar em padrões estabelecidos socialmente. Então, essa identidade é construída e influenciada por esse contexto opressivo em que o homossexual está constantemente vigilante para

que não seja agredido. Com isso a pessoa tem uma série de restrições e obrigações para seguir, como agir de forma “adequada” não demonstrando feminilidade, vestindo-se “como homem”, não falar de forma exagerada e gostar de assuntos “de homem” se a pessoa tiver nascido com um pênis. E não demonstrar masculinidade, se vestir “como mulher”, não falar de forma bruta e gostar de “assuntos de mulher” se a pessoa tiver nascido com uma vagina (ERIBON, 2008).

Segundo Eribon (2008), injúria é uma série de discursos que situa a pessoa que recebe esses discursos em algum lugar inferior ao ideal e isso se reflete no modo como as pessoas irão a ver e como essa pessoa vai se ver. O sujeito que faz a injúria não o faz por ter a intenção de somente descrever uma pessoa, como "negro dentuço" ou "baitola gorda". Ela o faz para mostrar a relação de poder que está envolvida, como se essa pessoa se sentisse acima de quem é atingido e o quisesse ferir. Esse ferimento que a injúria traz vira uma marca que é constitutiva da personalidade da pessoa.

Em relação aos homossexuais que estão em um movimento de adaptação à norma heterocentrada, a discussão sobre o casamento gay resume bem esse fenômeno. A luta pela legalização do casamento gay pode levar a uma separação dos comportamentos bem aceitos e os não aceitos. Os bem aceitos seriam os homossexuais que se casarem e tiverem relações estáveis e os não aceitos seriam aqueles que fugissem dessa regra. O casamento então seria o único meio de aquisição de legitimidade social, a única maneira de legitimar a sexualidade (MISKOLCI, 2007).

O casamento é bem visto quando é com pessoas do mesmo nível social, mesma “raça”, mesmas crenças e isso não é diferente para a comunidade LGBT. Então os relacionamentos homossexuais seriam bem vistos pela sociedade se aproximarem-se do modelo heteronormativo, relações monogâmicas e estáveis. Essa visão se dá por uma perspectiva heterossexual implícita de que relações bem vistas terão que ser de tal forma. O casamento e a família estão em processo de mudança na heterossexualidade também. Então o enquadramento dos homossexuais ao casamento e à constituição de família é um enquadramento em algo que nem em relações heterossexuais está estável hoje em dia, apenas atendem a uma norma social pré-estabelecida (MISKOLCI, 2007).

Algumas pessoas homossexuais partem do pressuposto de que deve haver um esforço para se enquadrar aos padrões e valores heteronormativos. Mesmo que

para isso tenha que haver sofrimento em relação a uma delimitação do que pode e do que não pode expressar e do monitoramento de seus próprios comportamentos. Isso traz uma tensão para os indivíduos e os fazem se questionar se são desviantes, se há algo que possam fazer para mudar (VIEIRA; PERES, 2015).

Por conseguinte, os homossexuais que ainda não se assumiram acabam vivenciando um temor. Para Eribon (2008), o que não é aceito pela sociedade não é exatamente ser homossexual, mas falar e mostrar que é. O discurso é que os homossexuais têm práticas homossexuais, mas que se deve escondê-las, senão serão excluídos. Permanecer “no armário”⁵ tem a ver com uma tensão vivenciada dia a dia em busca de um disfarce da personalidade e dos desejos, em um movimento de não se permitir mostrar as próprias emoções, sentimentos e vontades. Esse esforço de não se mostrar e de mentir aos amigos e à família tem efeitos sobre a personalidade do indivíduo.

Quando os homossexuais expressam sua sexualidade na esfera pública, as pessoas falam que estão se exibindo e se perguntam qual o motivo deles terem a necessidade de falar que são homossexuais. O que deixam de lado é o fato das pessoas sempre esperarem que a outra pessoa seja heterossexual, então, quando tem um homossexual ele precisa dizer para as pessoas saberem. Mesmo que esse homossexual seja afeminado e extrovertido as pessoas nunca terão certeza se ele não disser, sempre estarão exercendo esse lugar de poder com atitudes que mostram saber mais do indivíduo do que ele mesmo sabe sobre si (ERIBON, 2008).

Segundo Eribon (2008), um homossexual que se aceita e se mostra como tal é menos marcado por esses conflitos que o estar “no armário” proporciona, então sua subjetividade seria menos marcada por essa tensão. O “armário” é visto por alguns militantes homossexuais como o lugar da submissão e o lugar em que a pessoa se esconde por covardia, entretanto, o “armário” também pode ser um lugar de liberdade e até de resistência à ordem social. É um lugar em que a pessoa pode ser quem ela quiser, dentro do possível.

“Sair do armário” é como mostrar no concreto aquilo que já pairava no ar dos contextos em que a pessoa vive. O estar “no armário” proporciona ao ambiente social do homossexual um desprezo, uma chantagem e uma vergonha implícitos

⁵ “No armário” significa dizer que o homossexual não se assumiu publicamente como homossexual. Ele está no armário. Então ele vive em uma constante autodisciplina em cada gesto para parecer uma “pessoa comum” (ERIBON, 2008).

que vem sendo alimentados durante um período de tempo. É como se a posição dos outros fosse de poder sobre o indivíduo, pois acabam achando que sabem de algo que até mesmo a própria pessoa não tem certeza sobre si ou que sabem que a pessoa está mantendo em segredo por querer (SEDGWICK, 2007).

O "sair do armário" não é um gesto único, é um processo e são gestos que acontecem de tempos em tempos na vida do indivíduo. Ninguém jamais está completamente fora ou completamente dentro. O homossexual está sempre mais ou menos fora e mais ou menos dentro, dependendo do contexto e da construção de sua identidade. Se assumir é um processo interminável, pois há contextos em que vão demandar certo comportamento vindo de um homem e há contextos em que não se tem uma expectativa tão rígida, então terá sempre uma polaridade de liberdade e discrição, encontrada até em homossexuais mais assumidos, em todos os contextos da realidade homossexual (ERIBON, 2008).

Outra dicotomia que é encontrada na vida do homossexual é a do público e privado. Em qualquer lugar que o homossexual vai ele está nessa dicotomia, se ele pode se mostrar mais ou de menos em determinados contextos. Alguns tentam excluir todo traço da homossexualidade da esfera pública, até mesmo aqueles que já se assumiram, para evitar a discriminação e mesmo que seja na vida privada, como entre amigos e família (ERIBON, 2008).

Para Eribon (2008), há tempos que o homossexual vem sendo visto no cotidiano e mostrado pela mídia por uma caricatura muitas vezes degradante. Essa imagem faz com que as pessoas se sintam estimuladas a rir do ser homossexual, o que tem a ver com esse lugar de poder que as pessoas exercem. Essas imagens mostradas pela mídia perpetuam a representação que se tem das pessoas LGBT como pessoas inferiores. Essa caricatura não atinge só aqueles homossexuais que são caracterizados por ela (os mais afeminados), mas atinge todo o coletivo homossexual e as pessoas ainda acabam esperando que todo homossexual seja igual àquele que é retratado.

Há uma dupla inferioridade no ser homossexual. Os homossexuais são colocados em uma posição inferior quando ainda não se assumiram publicamente, pois as pessoas já acham que sabem que ele é e caçoam dele por trás, então o homossexual se torna objeto do discurso dos outros. Ele acaba tendo medo que os outros saibam, achando que eles não sabem, o que o coloca em uma posição maior de inferioridade. A segunda inferioridade é quando há um homossexual que se

afirma homossexual e o heterossexual se posiciona de modo “superior” afirmando não querer saber da homossexualidade do outro e mostrando não entender a necessidade do dizer (ERIBON, 2008).

A autonomia da pessoa que é inferiorizada é tirada, pois se ele está dentro de um grupo visto como inferior, ele sempre será visto como parte daquele grupo, sempre estará condenado pela marca da inferioridade. Então, a injúria que é emitida por um grupo de pessoas é tanto pessoal quanto coletiva. A injúria que um homossexual recebe não é por ele mesmo, mas por ele estar inserido em um grupo (ERIBON, 2008).

Uma das formas de refúgio e busca da liberdade é a “saída do campo para a cidade”, relatada por Eribon (2008). A homossexualidade tem ligação com a cidade, pois a história da discriminação contra homossexuais tem a ver com a migração de gays para as cidades grandes ou outros países. Há no imaginário dos homossexuais uma esperança de que nesse outro lugar eles poderão vivenciar experiências proibidas em seus lugares de origem. A cidade é escolhida porque as pessoas vivem no anonimato, muito diferente de uma cidade do campo em que todos se conhecem. Eribon (2008) comenta sobre um “percurso psicológico (e, com frequência, geográfico) do homossexual marca uma evolução da solidão para a socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques)” (ERIBON, p. 39, 2008).

Na cidade, o homossexual pode exercer suas vontades com menos julgamento, já que é possível tomar atitudes antes tidas como proibidas, tem mais privacidade e possibilita uma maior de socialização com outras pessoas simpaticantes ou até outros homossexuais. Essa saída do campo para a cidade grande não é só literal. Pode ser relacionada com a saída do homossexual da casa de sua família de origem para morar sozinho, por exemplo. São todas as ações de afastamento de um aprisionamento vivenciado pelos homossexuais (ERIBON, 2008).

A cidade é como um campo de batalhas por direitos. É uma maneira de fugir da injúria vivenciada no dia a dia do campo que não deixa o homossexual viver a homossexualidade “por inteiro”, sem ter que dissimulá-la. A ida à cidade não é só uma mudança de lugar ou uma busca de parceiros, é também a possibilidade de uma nova construção da identidade dessa pessoa. A cidade possibilita o pertencimento a vários universos sociais ao mesmo tempo e ter variadas

identidades. Na cidade, o homossexual pode frequentar seus clubes voltados para os gays e, ao mesmo tempo, viver em um mundo heterossexual. Essas várias identidades para determinados contextos proporcionam certa liberdade, mas um aprisionamento a tantos modos de vida. Portanto, tal liberdade é um presente ambíguo, pois, muitas vezes, se dá no contexto do “mundo gay” (boate gay, sauna gay, bar gay), que ao mesmo tempo cria uma comunidade de pares, mas segrega as vidas homossexuais em um espaço separado (ERIBON, 2008).

Todas essas formas de construção da identidade homossexual explanadas no texto têm a ver com a subjetividade. Para tanto, é necessário abordar o conceito de subjetividade usado nessa pesquisa.

Teoria da subjetividade

Subjetividade é uma produção simbólica e emocional do sujeito. A partir dos significados da cultura, de suas emoções e afetos, o indivíduo dá sentido aos fenômenos e o sujeito tem um olhar único sob os eventos. Subjetividade "é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que os constituem dentro de um contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social" (GONZÁLEZ REY, 2003, p. IX). A subjetividade individual é uma forma de organização subjetiva do indivíduo e a história de vida de cada indivíduo está constituída em sua subjetividade, que é constituída a partir da cultura que a pessoa está inserida e suas relações pessoais (GONZÁLEZ REY, 2003).

A subjetividade é um sistema aberto e complexo, é uma manifestação da expressão diferenciada do sujeito e da sociedade. Um dos aspectos da subjetividade é a complexidade, pois ela é construída historicamente e culturalmente na vivência humana, tem diferentes formas de expressão no indivíduo e em seus espaços sociais. Ela se desenvolve nos processos objetivos da realidade que caracterizam a organização social (GONZÁLEZ REY, 2005). Está o tempo todo sendo reconstituída pelas ações dos sujeitos e tem formas de organização que, às vezes, são impossíveis de descrever (GONZÁLEZ REY, 2004).

De acordo com González Rey (2005), a subjetividade é determinada de diversas formas e está o tempo todo em desenvolvimento, pois o sujeito está sempre recebendo e gerando novas informações, novas formas de agir, novas

experiências afetivas, novos processos culturais. Ela se produz simultaneamente em todos os contextos de vida do indivíduo.

A subjetividade é tal porque é uma produção de sentidos subjetivos que vai além de toda atuação de outros sistemas da realidade. Sentido subjetivo:

representa a forma essencial dos processos de subjetivação. O sentido exprime as diferentes formas da realidade em complexas unidades simbólico-emocionais, nas quais a história do sujeito e dos contextos sociais produtores de sentido é um momento essencial de sua constituição, o que separa esta categoria de toda forma de apreensão racional de uma realidade externa (GONZÁLEZ REY, 2003, p. IX).

O sentido subjetivo é uma concepção construída a partir da história do indivíduo e da cultura em que o sujeito está inserido. É constituído por vários tipos de emoções que são associadas a vários processos simbólicos, então o sujeito e o espaço em que ele vive são constituintes da subjetividade.

O conceito de subjetividade é mais amplo e integra as várias organizações psíquicas para a produção de sentido subjetivo. "A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais" (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 137). Esses contextos (as relações, o trabalho, a família, a religião, o clube, a posição política, as ações sociais, etc.) são espaços em que o sujeito produz sentido a partir de sua história que é subjetiva e a partir da história desses locais sociais. É importante frisar que a lógica da produção de sentido subjetivo de um indivíduo é dele, não tem uma lógica explicativa externa ao indivíduo (GONZÁLEZ REY, 2004).

Um exemplo de produção de sentido subjetivo seria o processo de naturalização de fenômenos socialmente construídos. Quando os fenômenos da subjetividade social se formalizam em modos de agir bem aceitos, eles acabam se tornando verdades absolutas que não demandam explicação para que as pessoas o reproduzam (GONZÁLEZ REY, 2005). Como por exemplo, a associação de pessoas gordas à feiura, fazendo com que pessoas gordas não sejam vistas como bonitas. Esse fenômeno repercute nos modos de agir, de pensar e de sentir dos sujeitos gordos, não gordos e no funcionamento da sociedade.

Na produção de sentido está a experiência concreta e as emoções que, muitas vezes, estão além da capacidade de conscientização do sujeito. Então, quando um menino é agressivo com sua mãe não é só o fato agressividade que está

envolvido, mas o que o levou a ser agressivo, o que ele sentiu, o possível abuso que ele possa ter sofrido no passado, o sentimento de orgulho, raiva, tristeza, angústia, por isso torna o fato único gerador de novos sentidos (GONZÁLEZ REY, 2004).

Um conceito que se articula com o de sentido subjetivo é o de "configuração subjetiva". É um sistema relativamente estável que organiza a produção de sentido do sujeito sistematicamente, já que a produção de sentido não acontece de forma aleatória; não é possível enxergar essa lógica fora da configuração subjetiva. Para que a configuração subjetiva seja compreendida deve haver uma investigação singular dos indivíduos e dos espaços sociais, só assim seria possível uma generalização desses fenômenos complexos (GONZÁLEZ REY, 2004).

Segundo González Rey (2005), cada uma das formas de expressão da subjetividade mostra o que foi construído do que é esperado do funcionamento social e individual, então a subjetividade social constitui a subjetividade individual e vice-versa. A partir da subjetividade social, a sociedade funciona de determinada forma particular. A subjetividade do indivíduo atualiza-se constantemente na tensão com a subjetividade social dos espaços em que o sujeito está inserido. Por causa desse dinamismo que existe na produção da subjetividade que o processo não é linear nem rígido (GONZÁLEZ REY, 2004).

O sentido sempre é e se produz no singular. Todo sentido subjetivo tem a ver com a história de vida do indivíduo, então não há sentido universal. O sujeito é sujeito pela existência da produção de sentido, por ser singular. Mas o sujeito tem um caráter social, pois a história de vida do sujeito está diretamente relacionada com o social, tendo em vista que o indivíduo nasce em um espaço social e cresce em sociedade. Logo, a relação com o social influencia diretamente na visão que ele tem de mundo (GONZÁLEZ REY, 2004).

Sujeito "constitui o momento vivo da organização histórica da sua subjetividade, e que está implicado de forma constante nos diversos espaços sociais dentro dos quais organiza suas diferentes práticas" (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 241). O sujeito tem seu sistema particular de produção de sentido, de visão de mundo e de querer, portanto, o sujeito é uma possibilidade de singularidade dentro de uma sociedade. O indivíduo entra na dinâmica da vida social quando ele pensa, reflete, toma decisões e age. As opções que ele tem são de se submeter às normas pré-estabelecidas ou encontrar meios de exercer suas particularidades

dentro das relações nos espaços em que ele está inserido (GONZÁLEZ REY, 2004).

Para González Rey (2004), sujeito é o indivíduo que consegue agir de maneira singular, que afirma seu valor por meio de seus atos, que continua com sua identidade apesar dos contextos contraditórios e de conflitos que ele encontra na sociedade. Ou seja, ninguém é sujeito o tempo todo, o sujeito emerge em alguns momentos da história de vida do indivíduo. O sujeito aparece quando ele se posiciona e se expressa. Ser sujeito não é ser congruente e de acordo com a moral, mas é se posicionar de acordo com determinada situação, moralmente ou não. Um sujeito pode ter comportamentos morais em determinadas condições e em condições diferentes, nas que surgem sentidos novos mais significativos para ele, não ser capaz de manter aqueles mesmos comportamentos.

Se, para González Rey (2004), sujeito é alguém que se posiciona de forma singular, então se pode pensar que o assumir-se homossexual, explicado por Eribon (2008) como um ato pessoal, interminável, é um movimento diário contra o pensamento hegemônico de que a heterossexualidade é o ideal, é um gesto singular em que o sujeito está à mostra.

De acordo com González Rey (2004), as relações sociais do indivíduo influenciam na forma como a pessoa irá construir sua identidade e sua visão de mundo. Tendo em vista que a sociedade brasileira é movida pelo modelo heteronormativo (WELZER-LANG, 2001) e que pelo menos uma parte do contexto cristão evangélico tem histórico de não legitimação da diversidade sexual (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2013), uma pessoa que cresça em um contexto cristão evangélico e que se percebe homossexual, terá sua subjetividade sendo constituída a partir desse contexto. Ou seja, sua subjetividade será marcada pelo desprezo de si, nesse meio o homossexual em variados períodos de tempo se recusa a se identificar com aqueles que são vistos como inferiores por ter aprendido em sua história de vida que ser homossexual não é o ideal (ERIBON, 2008).

Como visto anteriormente, o processo de naturalização de fenômenos socialmente construídos é uma produção de sentido subjetivo que às vezes está além da capacidade de conscientização do indivíduo, o que significa dizer que o indivíduo não percebe que esses fenômenos são construídos nas relações sociais, então acabam sendo vistos como naturais (GONZÁLEZ REY, 2005). Por exemplo, com a naturalização da discriminação direta e indireta aos homossexuais, as

peessoas acham aceitável xingar os outros de “viado” ou achar que tal homossexual estar “dando pinta demais” é algo impróprio em um contexto de trabalho, por exemplo (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

Vimos que existem referências socialmente compartilhadas de gênero, como Eribon (2008) mostra que é esperado que um menino tenha “jeito de menino”, e isso envolve várias características específicas. Existe a dimensão das identidades sociais e dos processos de subjetivação que as pessoas têm a partir dessa realidade e de acordo com seus recursos subjetivos. Então, toda pessoa irá passar por esses processos; ela nasce, se vê em um mundo coberto de representações do que se deve fazer e do que não se deve fazer, do que se pode ou não pode ser, e a partir disso, acontecem os processos de subjetivação que serão formadores de sua subjetividade.

Esse processo não anula a produção singular dos sujeitos. O sentido subjetivo, que é pessoal, único e particular, é construído a partir da história do indivíduo, da cultura e por processos simbólicos e emocionais do indivíduo (GONZÁLEZ REY, 2003). Existem as identidades sexuais e o processo de subjetivação, que são particulares, mas também comum a todos, pois todas as pessoas nascem em um mundo já posto, com representações formadas, com tradições, costumes, modos de pensar e agir. O processo de subjetivação é em relação a esse mundo já posto em que todos vivenciam. E todas as pessoas produzem sentido de suas experiências, que depende de cada história de vida, por isso é particular.

Por conseguinte, a forma como as pessoas processam essas referências sociais compartilhadas de gênero é singular. Uma vez que cada indivíduo tem uma trajetória de vida, cada um vai ter sua produção afetiva e simbólica relacionada à realidade em que cada um está inserido. Isso faz com que cada pessoa tenha um olhar único sobre os eventos.

CAPÍTULO 2

MÉTODO

Segundo González Rey (2005), a epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, que considera a dimensão da singularidade do objeto a ser estudado e o conhecimento como processo de comunicação. A pesquisa com base no método construtivo-interpretativo tem um caráter teórico, pois a intenção é que a pesquisa construa modelos que possam ser compreensíveis sobre o que se está estudando, e não uma apropriação linear de uma realidade que está dada.

Esse método possui três princípios: o caráter construtivo-interpretativo, o valor do singular e o processo dialógico. O caráter construtivo-interpretativo pressupõe que o conhecimento é construído, ou seja, não está dado e não tem uma relação linear com a realidade. O conhecimento tem a capacidade de gerar novos meios de se entender a realidade e ligar esses meios à utilidade para produzir novos conhecimentos (GONZÁLEZ REY, 2005).

O segundo princípio é a singularidade. O conhecimento é construído durante a pesquisa, portanto ele é singular, é uma produção teórica que depende da capacidade reflexiva e interpretativa do pesquisador. O valor do singular está no fato de que a produção teórica é desenvolvida no curso da pesquisa, logo a riqueza se dá pelo valor único da pesquisa. O terceiro princípio é o caráter dialógico. A comunicação como produtora de conhecimento está ligada ao fato das questões sociais serem expressas pelas pessoas através da fala e das expressões. Portanto, a comunicação é o melhor meio para se conhecer os processos de sentido da subjetividade do sujeito (GONZÁLEZ REY, 2005).

O conhecimento é tal por causa da capacidade própria do pesquisador de produzir novas questões no processo dos pensamentos sobre o que está sendo pesquisado. Portanto, a pesquisa qualitativa é considerada um processo dinâmico, pois no decorrer do seu percurso, o teórico vai se afastando ou se aproximando do empírico. A percepção do pesquisador sobre determinados aspectos pode mudar e novas questões podem ser analisadas sob outra ótica (GONZÁLEZ REY, 2005).

Nessa perspectiva, para González Rey (2005) o pesquisador é considerado como sendo parte inseparável do processo da pesquisa. Diferentemente de outros

métodos de pesquisa em psicologia, o sujeito pesquisador está implicado no decorrer do estudo produzindo reflexões sobre o que está sendo investigado, com o objetivo de abrir novas "zonas de sentido"⁶ sobre o fenômeno de interesse.

Na mesma lógica, a comunicação proporciona o acesso aos processos de produção de sentido subjetivo que caracterizam o indivíduo como único, por isso o caráter singular da pesquisa qualitativa. Através da comunicação, os sujeitos de pesquisa podem se implicar subjetivamente na questão a ser estudada e o pesquisador pode se atentar àquilo que não é diretamente observável. A subjetividade só aparece quando o sujeito se mostra em suas expressões, mas isso só acontece quando a pesquisa faz sentido para ele, por isso a importância da preparação do cenário de pesquisa (GONZÁLEZ REY, 2005).

O cenário de pesquisa é a criação de uma situação de confiança, interesse e motivação, favorável à participação do sujeito na pesquisa. O pesquisador deve criar um vínculo com o pesquisado, deve ganhar a confiança estabelecendo um diálogo que leve o sujeito a sentir vontade de participar e de se implicar, fazendo questionamentos, respondendo expressivamente ao diálogo, compartilhando suas reflexões, opiniões e vivências (GONZÁLEZ REY, 2005).

Segundo a metodologia construtivo-interpretativa, o instrumento de pesquisa caracteriza-se por "toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa" (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 42). O instrumento é um meio que o pesquisador usa para instigar a expressão do sujeito e para facilitar a produção de sentido subjetivo. Um dos instrumentos propostos por González Rey (2005) é a "dinâmica conversacional", um instrumento que consiste em um momento de diálogo entre sujeito de pesquisa e pesquisadora com perguntas, colocações de opiniões e reflexões com o objetivo de instigar o sujeito de pesquisa criando assim espaços de produção de sentido subjetivo (GONZÁLEZ REY, 2005).

Com relação ao processo de desenvolvimento da pesquisa, originalmente considerei trabalhar com 1 a 3 sujeitos, mas ao longo do processo de campo só surgiu um sujeito que tinha uma trajetória interessante que foi possível trabalhar. Portanto, foi trabalhado só com um sujeito, o que é possível no método construtivo-

⁶ Zonas de sentido são "espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica" (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 6).

interpretativo que defende o princípio do valor do conhecimento singular e não depende de uma quantidade de sujeitos de pesquisa para fazer um trabalho de qualidade.

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

Foram feitas duas dinâmicas conversacionais nos dias 5 de setembro de 2016, das 20h30 às 22h30, e 8 de setembro de 2016, das 19h30 às 21h30. Os encontros foram feitos em uma sala de aula, previamente reservada, do Bloco 9 do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Foi feito o convite individualmente para o sujeito de pesquisa, via rede social, para participar desse estudo logo após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Marcamos o dia do primeiro encontro e mantivemos contato até lá. O primeiro dia de dinâmica conversacional começou com os esclarecimentos da pesquisa, como: do que se trata a pesquisa, os objetivos, a leitura e assinatura do TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido).

A escolha do sujeito de pesquisa se deu pela rede social da pesquisadora. O critério para a escolha do sujeito de pesquisa foi: deve ser uma pessoa homossexual que vivenciou a descoberta da homossexualidade em um ambiente cristão, que atualmente se considere cristã, frequentando ou não uma igreja, praticando ou não rituais religiosos.

A construção do cenário de pesquisa começou pela exibição do filme “Orações para Bobby” (*Prayers for Bobby*). O filme foi escolhido como elemento motivador para iniciar a dinâmica conversacional, pois de alguma forma converge com a história do sujeito de pesquisa. Trata-se da história de um jovem que se descobre homossexual em um contexto familiar cristão e vivencia essa descoberta com muitos desafios, principalmente relacionados com questões religiosas. A história do filme condiz em algum momento com a história do sujeito de pesquisa. Portanto, foi mais uma via de acesso à experiência singular do sujeito.

Logo após, tomando o filme como elemento motivador, fizemos uma dinâmica conversacional por aproximadamente uma hora. O segundo dia de dinâmica conversacional começou pela continuação do que foi conversado no primeiro dia e durou aproximadamente duas horas. As dinâmicas conversacionais foram gravadas com autorização do sujeito de pesquisa.

Analisarei abaixo as dinâmicas conversacionais que fiz com o sujeito de pesquisa que darei o nome fictício de Bruno. Bruno é um jovem homossexual de 22

anos de idade, recém-formado em Ciências da computação, que se identifica como cristão evangélico, porém, não tem frequentado nenhuma igreja no momento. Até sua adolescência, Bruno foi membro e frequentava uma igreja evangélica. Seu pai era um dos pastores dessa igreja e atualmente seus pais são pastores de outra igreja.

No decorrer das duas dinâmicas conversacionais, foi possível perceber alguns temas que emergem frequentemente na fala de Bruno. Temas como a descoberta da homossexualidade, relação familiar, trabalho, vivência na igreja e a negociação do “armário”. Dividirei a construção da informação nesses temas para uma melhor compreensão do que será dito.

Descoberta da homossexualidade

Dentro da experiência da descoberta da homossexualidade de Bruno, é possível observar em vários momentos as tensões entre a identidade sexual e a religião como elemento condenatório da experiência dele. Alguns trechos da dinâmica conversacional exemplificam a consequência da moral cristã em suas crenças, o conflito entre o se descobrir homossexual dentro de uma realidade homofóbica e cristã, e como essas crenças contribuem para a produção de sentidos subjetivos acerca da sua identidade sexual:

Então, o que a igreja diz pra mim? Diz que eu nasci sorteado. Eu nasci sorteado com um pecado de que eu nunca vou poder ficar com alguém, nunca vou poder amar alguém, nunca vou poder ser amado, ou transar com alguém que eu ame e é isso, nasci sorteado com essa “sorte”, acabou (...). Quando eu comecei a me perceber como gay, eu me senti um lixo, um erro, sujo... tentava fazer de tudo para esquecer. Pedia a Deus pra me salvar, pra me consertar... chorava todos os dias. Quando eu estava com o D. (ex namorado), eu me vi completo, vi o que era felicidade, vi que eu não precisava de mais nada. Pra mim era pecado. Eu estava esperando um milagre. No início eu acreditava só em milagre, tipo: Deus vai me curar!, como mágica. Ai depois eu vi que não era mágica, que era condicionamento, então eu parei, eu tentava não pensar em homem (...). Então, eu não sei. É isso. Então, como eu não sei se é pecado... foda-se (...).

Bruno chega à conclusão de que homossexualidade é um condicionamento e complementa o que Natividade e Oliveira (2013) explanam sobre a crença que alguns grupos religiosos têm de que a homossexualidade é um estado, um pecado como qualquer outro que se a pessoa perseverar, ela consegue “se livrar”. Todo o trecho acima é marcado pela ambiguidade: condicionamento versus felicidade,

pecar versus não pecar, ser algo que se é versus ser algo que as pessoas esperam que ele seja.

No último trecho é possível perceber que, contrastando com o que ele primeiramente pensou sobre a homossexualidade ser um pecado, hoje ele não sabe dizer com certeza se é, diz que não se importa, mas ao mesmo tempo demonstra incômodo e não tem certeza se ser gay é certo. Ele acaba vivendo em uma incerteza que é a consequência da tensão entre o “ser gay” e o “ser cristão”, o que influencia na constituição de sua identidade:

Eu vou viver a minha vida e se Deus quiser falar pra mim, ótimo. Mas eu sinceramente acredito que Deus não vai falar. Eu acredito que está tudo certo (...). Mas, caso ele ache errado, eu acho que ele sabe que eu estou no lugar certo pra eu ser trabalhado. É assim que eu vou conseguir mudar, não vai ser ninguém me mudando. Vai ser sendo eu que ele vai me mudar. Como a bíblia fala “vinde a mim como estais”. E se for certo ele está me amando mais ainda, porque até que enfim eu estou sendo quem eu sou e acabou. Então, de ambas as formas, eu acho que ele acha que é assim (...).

Essa ambivalência é constitutiva, porque o discurso cristão dominante é um discurso de acusação. Então Bruno está vivenciando um embate entre sua identidade sexual, seu desejo erótico que é real e a subjetividade social que na qual o sentido da homossexualidade é pecado, é algo nocivo e antinatural. Isso também se mostra no que ele trouxe no nosso diálogo sobre seus questionamentos com Deus desde que se percebeu como gay:

O fato de ser gay é uma coisa que eu sempre perguntei pra Deus (...). Eu queria que Deus me respondesse, Deus já desceu e falou tanta coisa, por que nunca falou sobre isso? Por que nunca falou assim: “Olha, tudo bem ser gay!”. Por que nunca falou: “Acredita que você vai mudar, que você vai ter a sua cura!” (...).

A história de Bruno distingue da maior parte dos homossexuais presentes em outros estudos sobre homossexualidade, por se relacionar com o contexto cristão evangélico. Mas, ao mesmo tempo, sua história se assemelha a tantos outros homossexuais que não necessariamente cresceram em contexto evangélico. A sociedade é homofóbica o suficiente para de algum modo atingir todas as pessoas que em algum momento foram questionadas sobre sua sexualidade. Como Butler (2003) fala, a sociedade ocidental é heteronormativa, as pessoas esperam que as outras sejam heterossexuais. Os trechos a seguir exemplificarão experiências de Bruno que são comuns à maioria dos meninos que já foram questionados em relação à sua sexualidade. O último trecho o diferencia como homossexual:

Assim, desde que eu era criança as pessoas sempre me zoaram dizendo que eu era gay, por causa do jeito e para mim eu ouvia aquilo e falava “não”, ficava com raiva, “eu não sou gay e acabou”, porque era isso que tinha que responder (...). Eu sou homem, hetero, eu, eu gosto de mulher! (...). Quando as pessoas falavam (sobre homossexualidade), eu sabia o que era e eu só não era aquilo que não era pra ser (...). Nunca vi gay. E aí quando eu vi os gays, eu imaginava: ele é só que nem eu e todo mundo fala que é gay, mas não é (...). Até que teve um dia que surgiu a puberdade e aí eu fui ver o que eu sentia. E aí eu fiquei: Caralho! O que todo mundo falou está acontecendo! (...).

Em nossa sociedade todos vivemos em uma subjetividade social em que o sentido da homossexualidade é algo ruim, algo que ninguém deseja ser. Dentro do meio gay, existe uma subjetividade social que inclui a da sociedade, mas vai além, que os gays compartilham. Como vemos no trecho seguinte, Bruno compara sua história com a do filme utilizada para a criação do cenário de pesquisa: “Na mesma coisa que para mim foi totalmente diferente disso, partes foram parecidas”. Cada pessoa vivencia suas experiências individualmente, mas existem experiências que são compartilhadas no meio gay, que vários gays vivenciam, como a experiência do armário, a subjetividade permeada pela injúria (ERIBON, 2008), que serão discutidos nos próximos parágrafos.

Incluso nesse espectro de práticas habituais da sociedade homofóbica que nos encontramos, existe um hábito principalmente entre os homens de se chamarem de “viado”, “bicha”, “baitola”, como se fosse um apelido ou uma expressão. Então, a masculinidade hetero hegemônica é pautada pela insinuação homofóbica, tem toda uma sociabilidade masculina que é pautada pelas piadas homofóbicas. Bruno relata algumas vezes experiências sobre esse fato:

Você não lembra das pessoas zoando com as outras: gay gay! Ah, fulano é gay! Ah, ele é o gay da turma! (...). Na escola sempre tinha alguém pra me zoar. Eu tentava jogar futebol e não dava certo: gay! Começava a andar demais com as meninas: gay! Às vezes brincava de boneca com elas: gay! E aí era isso sempre (...).

Existe essa prática dos meninos chamarem os outros meninos de gay que pode ser engraçado ou pode incomodar, mas incomoda mais quando alguém é gay ou tem essa dúvida sobre sua identidade. Mas não significa que as outras pessoas saibam quem é gay, porque nessa perspectiva “todo mundo é”, só que se tem um menino que é mais delicado, que foge mais do que é esperado, ele estará em maior evidência, será alvo destas brincadeiras com mais frequência, que foi o que aconteceu com Bruno.

Continuando com a descoberta da homossexualidade, Bruno relata:

Desde que surgiu a puberdade eu me sentia atraído por homem e aquilo na minha cabeça era a pior coisa do mundo (...). Então eu sempre soube que eu gostava, mas eu tinha esperanças de conseguir gostar de uma menina e ficar com ela. E como qualquer outro pecado, a gente diz “não” e segue em frente. Só que não é como qualquer outro pecado (...).

Pode-se observar com esses trechos que ele está vivendo em um dilema entre uma convicção religiosa que o atrela a uma subjetividade social homofóbica e uma descoberta pessoal do seu próprio desejo e afetividade. Sua experiência acaba contrastando com a moral religiosa. Depois ele conta que decidiu sair da igreja para viver como hetero e quando começou a ter experiências homossexuais, se sentiu diferente:

E assim, eu sempre gostei de homem, né, mas eu nunca tinha ficado com homem (...). Eu saí da igreja e o meu objetivo era: ir pro mundo e transar com todas as meninas que eu visse pela frente, porque eu queria ser hetero (...). Eu beijei o menino, eu fiquei louco (...). Aí quando eu beijei ele, eu fiquei chocado, porque eu entendi o que era um beijo (...). Aí foi quando eu falei: Não, isso não vai acontecer! Aí eu continuei tentando beijar menina (...). Então eu sempre soube que eu era gay e eu estava tentando outra alternativa (...). Aí eu comecei a ver que: Gente, eu sou eu mesmo! Eu estou aqui num restaurante, eu estou aqui de mãos dadas em tal lugar, numa balada, beijando um homem e não tem ninguém achando isso estranho (...).

Percebe-se que as primeiras experiências sexuais que Bruno teve com pessoas do mesmo sexo que o dele foram classificadas por ele como melhores em relação às experiências que ele já havia tido com mulheres. Mas a presença da moral cristã o faz se questionar se o que ele está fazendo é certo. Bruno se relacionou com algumas mulheres, tinha um projeto de ser heterossexual, de se adequar à norma, mas percebe quando tem experiências com homens outra qualidade de relacionamento. Mesmo tendo a certeza do que gosta ele tenta ainda algumas vezes não seguir seus impulsos. Isso é constituinte do sentido de homossexualidade para ele.

Assim como no último trecho exposto acima, Bruno relata outras vezes sua experiência da descoberta da comunidade gay externa ao ambiente da igreja. Bruno vivenciou a trajetória da solidão para a socialização. Pode-se perceber a importância da saída do armário para a identidade da pessoa homossexual. Em conformidade com o que afirmou Eribon (2008), estar “no armário” é estar cotidianamente disfarçando sua personalidade, seus gostos e seus sentimentos. Bruno comenta:

Para mim ninguém era gay, só eu e aquele menino. Ninguém era gay. Aí na hora que ele me olhou, aí eu pensei: meu Deus, ele é gay, quero ficar com ele agora, porque não tem mais ninguém gay, só eu, o menino que eu fiquei e ele

(...). E aí eu vi um mundo gay que eu nunca tinha visto, eu não sabia que existia (...). Depois que eu entrei na escola de teatro musical, eu vi que existia mais pessoas do mesmo jeito que eu (...).

Relação familiar

Nesse tópico abordarei o tema “família”, tanto o núcleo familiar de origem, como sua extensão. É importante ressaltar que quase todos os familiares de Bruno são evangélicos e envolvidos com igreja.

Existe uma diferença da convivência com a homofobia em contexto de relações próximas e distantes. Na descoberta da homossexualidade, Bruno vivenciou insinuações homofóbicas em sua família. Diferentemente das vivenciadas na escola e em outros ambientes não tão próximos, na família tiveram uma conotação de cuidado e proteção como se pode observar nos relatos a seguir de seus pais relatados por Bruno:

Bruno, eu não vou te dizer que homossexualidade não é pecado, porque para mim é. Mas quem sou eu para dizer que você é melhor ou pior que eu? Quem sou eu pra dizer que você vai pro inferno e eu não vou? (...). Olha, eu acho que o certo mesmo é que Deus que tem que mudar você e não a igreja, eu acho que você tem que tentar sim, tá? (...). Eu nunca vou desistir de orar por você pra você mudar (...).

O sentido da homossexualidade expresso pelos pais muito se assemelha àquele das igrejas evangélicas, com o discurso do acolhimento relatado por Natividade e Oliveira (2013). Acolhem os homossexuais, mas pressupondo que Deus irá mudá-los para a heterossexualidade, porque ser hetero é o ideal. Assim como o discurso de acolhimento das igrejas, a mãe de Bruno diz que o aceita e o acolhe, mas com a condição de que ele mude com seu esforço, com a intenção de manter estratégias para ajudá-lo a mudar. Perguntei para Bruno o que ele sente quando sua mãe fala sobre isso e ele: “Péssimo, né? Péssimo, porque eu senti que ela aceitou *fake*”.

Bruno conta que às vezes sua mãe tem uns momentos de maior expressão da homofobia e que ele teve de tomar uma decisão para que ela parasse:

É uma crise que é uma mini crise, mas que destrói por dentro, porque é tão ruim ver alguém questionando o que você é (...). E aí ela só parou de fazer isso quando eu tive que falar: Olha, esquece, minha religião é outra! Acabou, minha religião é outra, esquece. E eu acredito que ser gay é ótimo e Deus quer que eu seja gay, Deus quer que eu transe com homem. Eu acho que é assim, que não tem problema beber, minha religião é outra. Esquece que a minha religião é a mesma que a sua, porque não é. E aí naquele momento

ela entendeu que não era pra ela se meter na minha religião. E aí ela parou com essa história de querer me encher o saco (...).

Pode-se observar o quanto o questionamento de sua sexualidade por pessoas que ele tem como referência e que são de relações próximas o afeta. Como González Rey (2004) comenta, os espaços sociais do indivíduo como família, relações, religião, clubes, são espaços em que o sujeito produz sentido subjetivo, e a família como sendo tradicionalmente considerada um espaço de segurança e referência, acaba influenciando e afetando mais o indivíduo tanto positivamente quanto negativamente.

Como visto nos trechos acima, o posicionamento da mãe parece estar totalmente atrelado à versão da religião evangélica que ela pratica. Uma das hipóteses seria a questão da cultura em que os homossexuais são vistos como promíscuos e nojentos por serem associados a doenças, por exemplo. Porém, as falas da mãe de Bruno só são associadas à religião, pelo menos no que ele teve acesso e do que ele compartilhou na dinâmica conversacional.

Entretanto, é possível observar algumas ambivalências no que os pais dizem:

E aí teve até um dia que ela falou assim: Ai, tem um homem lá no trabalho, aí eu vi ele e descobri que ele é gay e pensei: Meu Deus, porque o Bruno não fica com esse menino. Aí depois ela pensou: Meu Deus, eu tenho que querer é uma mulher pra ele e não um homem (...). Mas ele falava: Filho, não assiste isso não (Teletubbies). Por que, pai? Porque é um bando de menininho que quer ser menininha. É tudo menininho e isso aí não é legal, não é de Deus, é demônio. Então tinha uma coisa assim. Mas hoje meu pai, eu até já cheguei na novela, a novela tava passando, e o ator que é gay, ele ia beijar a menina, aí eu: Não acredito nisso não. Aí meu pai: Que foi? Eu: Não acredito que ele vai beijar ela, velho! Ele: Mas qual é o problema? Eu: Ele devia estar me beijando. Aí ele morreu de rir. Isso com a minha mãe não ia dar muito certo, tudo bem e tudo, mas ela não... meu pai ri, brinca. Meu pai sempre foi muito mais pra frente. Minha mãe me surpreendeu. Ela não foi uma pessoa que eu achei que ela era, mas se eu falar demais de homem ela fica: Tá bom, chega, já deu (...).

Ao mesmo tempo em que a mãe não aceita a homossexualidade do filho, sua postura vai se modificando. Isso indica que os pais também têm ambivalências, pois Bruno mostra ter uma relação melhor com o pai em relação à sexualidade, mas o pai tinha desde o início essa implicância com o personagem infantil gay. Esses afetos mais próximos de pais e filhos, por exemplo, criam dinâmicas distintas da regra geral de proibição e aprovação, porque é diferente você reprovar a sexualidade de um gay famoso ou de um gay no trabalho, e um gay que é seu filho. O que está na subjetividade social do que é aprovado ou não, é diferente quando isso se passa nas

relações íntimas ou mais próximas, as relações que importam de verdade. Minha hipótese é que o grau de tolerância ou aceitação varia em função dos sentidos subjetivos que essas relações têm para os sujeitos envolvidos. Em alguns casos é mais aceitar a homossexualidade de uma pessoa próxima, mas não de um desconhecido. Em outros casos, é o contrário.

Na fala de Bruno, observa-se também que não só o tratamento com ele das pessoas mais próximas é diferente, mas a relação dele com as pessoas mais próximas sobre sua sexualidade é diferente: “E aí minha avó morreu sem saber, graças a Deus, porque eu não saberia como ela iria lidar. Eu amava ela com todas as minhas forças. Então decepcionar ela seria a morte”. Ou seja, ele se importava tanto com a avó que se sente aliviado dela ter morrido sem saber sobre sua sexualidade, como uma forma de proteção para ela. Isso remete ao tema de uma saída seletiva do armário, assumir-se homossexual para algumas pessoas e não para outras, como discutido por Eribon (2008).

Neste mesmo sentido, outro assunto que aparece algumas vezes na fala de Bruno é a questão do “armário” envolvendo a família. Como visto da fundamentação teórica, o “sair do armário” não é um gesto único, a pessoa vai sair e se manter no armário dependendo do lugar. E quando ela se assume para alguém, ela acaba colocando aquela pessoa no armário junto com ela. A pessoa pode sair do armário para algumas pessoas, mas agora essas pessoas vão ter que gerir essa informação, e dependendo do contexto, como o familiar, isso pode ser bem problemático, pois as pessoas acabam esperando que os pais tomem alguma atitude (ERIBON, 2008).

Como pontuado anteriormente, o movimento dos pais também é de proteção e cuidado, mesmo que sejam atitudes homofóbicas. Então, aqui a implicância não é só em ser gay, mas em mostrar que é gay, pois os pais estão cientes que a sociedade é homofóbica:

Aí ela falou: Bruno, pra que ir pra parada gay, pra que postar que você vai? Pode ir, mas não posta que você vai. Pra que fazer isso? (...). Qualquer mãe quer que todo mundo lute, mas não o filho dela. Aí o impasse na minha cabeça hoje é esse: até que ponto eu não vou ser eu mesmo pra facilitar a minha vida com a sociedade? (...). Bruno, você se expõe demais, você não precisa ter esse jeito. Aí é ruim escutar isso, porque é o meu jeito (...).

Os homossexuais acabam se desenvolvendo em uma realidade social que não reconhece a homossexualidade como algo bom ou normal, então Bruno vive em um impasse de poder se mostrar mais aqui e menos ali para ser mais bem aceito. A

pessoa vai construindo sua identidade assim e isso implica no sentido que ele tem dele mesmo e na representação que ele tem do que é ser uma pessoa respeitável.

Em relação aos familiares que fogem ao núcleo familiar de origem, pelos relatos de Bruno, também não foge à regra. Os familiares atuam de forma homofóbica, mas com a intenção de proteção. Bruno conta como era a atitude de seus familiares antes de se assumir: “Era assim, do mesmo jeito que era na igreja, ninguém fala que é gay, todo mundo respeita, é o nosso Bruninho, a gente ama ele e a gente acha que ele não é gay”. Os trechos a seguir mostram as atitudes dos familiares frente à sexualidade de Bruno:

A C. (prima mais velha) veio conversar comigo super sendo evangélica e me deu super raiva: Por que você tem que ser assim, Bruno? Porque se você não tentar não ser, você não vai conseguir... você tá se rendendo, olha aí, você se rendeu (...). Horrível, mas eu entendi que ela não tem experiência. Então, tipo: sério que não é pra fazer isso? Eu não fiz isso a minha vida inteira, querida, é óbvio! (...).

Semelhante ao que Eribon (2008) fala sobre os homossexuais sempre viverem na iminência de receber uma injúria, os relatos de Bruno mostram a iminência de vivenciar uma discriminação homofóbica. Bruno conta uma de suas preocupações: “Eu ainda não percebi uma coisa que eu estou com muito medo de perceber. Medo de eu chegar perto das crianças. Mas eu acho bom eu não saber de nada e o povo que se foda, eu não sou obrigado, eles que lidem com isso”. Bruno fica imaginando o que os outros já podem ter feito para separá-lo das crianças da família. Ou seja, o fato da exclusão estar sempre iminente faz com que influencie no sentido subjetivo produzido sobre as relações familiares dele em relação à sua sexualidade.

Vivências em Igreja

Como já comentado anteriormente, Bruno viveu sua infância e adolescência acompanhando seu pai (pastor) e sua família em uma igreja evangélica. Dois momentos da dinâmica conversacional expressam o que Bruno sentia antes de se assumir e depois de se assumir em relação à religião e ao divino sobre ele mesmo:

E todas as vezes que eu ajoelhei para chorar na igreja foi por causa disso (...). E hoje (chegando de viagem) o avião quase caiu, eu fui orar e aí foi quando eu fechei o olho, esqueci que o mundo estava lá, e falei com Deus, assim, tipo... aí quando eu falo nessas horas de morte, eu falo: Deus, eu não

sei o que eu estou fazendo, se está certo ou errado, mas eu estou sendo sincero, eu estou tentando ser eu mesmo, você sabe e desculpa se eu fiz alguma coisa errada (...).

Esses dois trechos mostram uma mudança de sentido da homossexualidade para ele. Antes se observa que não era aceito e agora, apesar da aceitação, ele ainda tem dúvidas. Na prática cristã, é comum as pessoas sempre pedirem perdão, pois o básico do cristianismo é se reconhecer como pecador, como uma pessoa que está o tempo todo pecando. Mas o que Bruno mostra com esses relatos são suas inseguranças e conflitos internos sobre sua experiência pessoal, que ocorrem em consonância com aquilo que é básico no cristianismo.

Em relação à sua vivência na igreja, Bruno relata:

Comecei a questionar tudo da igreja (...). Mas aí eu acabei saindo e eu acabei não me importando mais com a igreja, então eu fui cristão, sou cristão, acredito, mas não vivo nem o que eu acredito (...). Eu to fora da igreja. Mas isso eu acho que não tem a ver com o mundo gay. Tem a ver com falta de costume mesmo (...). Eu sinto falta e eu acho que eu tenho que voltar mesmo (...).

Mais uma vez é possível identificar as relações ambivalentes de Bruno. Sobre a religiosidade, o Brasil é um país em que esse é um elemento estruturante da identidade e da comunidade (BIZERRIL, 2007; BIZERRIL, 2015). Portanto, Bruno tem de um lado um ambiente que não o apoia e do outro lado, no seu processo de subjetivação, a importância da vivência da espiritualidade dentro de uma igreja.

Pode-se perceber também a presença da moral cristã em seus relatos e como ela influencia na produção de sentido subjetivo sobre seus atos, sobre o que ele acha ser certo e errado, sobre suas decisões e pensamento. É como se agora o certo para ele fosse uma mistura do que ele vivenciou dentro e fora da igreja, se adequando ao que ele vivenciou fora da igreja com o que a igreja tem como certo e errado:

Então hoje, muitos princípios de lá eu não vivo, eu bebo, de vez em quando eu fumo, transo, de boa, qualquer hora eu transo, fico, então é totalmente diferente da igreja (...). Tipo, eu não vejo problema de ir pra festa, de beber, beijar na boca, mas eu acho que tem que ter um controle, tem que ter um senso, e não fazer a louca. E eu ainda acho que eu não vivo exatamente do jeito que eu acho que é o senso, só isso (...). Congregar, orar, louvar, eu acho isso importante, isso era bom pra mim. Por que isso tem que ser diferente? Eu acho que algum dia eu vou equilibrar (...). Eu namorando o D., eu conseguia encontrar esse equilíbrio porque eu estava namorando. Ficava só com ele, transava só com ele e ainda falava muito com Deus (...).

Outra questão que apareceu nos relatos de Bruno foi a sua experiência na atual igreja de seu pai. Seus pais hoje são pastores em uma igreja diferente da

igreja que Bruno cresceu. É possível observar a presença da questão do armário também: “A igreja toda do meu pai sabe que eu sou gay e ninguém toca nesse assunto. Lá todo mundo me trata bem e eu gosto assim”. Então se observa que a igreja prefere não tocar no assunto e isso se configura como um tipo de “armário”. Porque o “armário” não é só uma imposição do que você não pode ser, mas é um espaço de proteção também.

Assim como visto anteriormente no tópico “Relação familiar”, observa-se que a igreja assim como a família se mostra como um lugar de proteção e cuidado: “Sempre (na escola). Você não lembra das pessoas zoando com as outras? Gay gay! Ah, fulano é gay! Ah, ele é o gay da turma (...)”. “Na igreja... como criança lá na igreja, não sei, eu não tive isso na igreja não como criança (...)”. É como se na igreja e na família o procedimento padrão é você não cogitar a possibilidade de alguém ser gay, diferentemente de na escola que a discriminação é mais diretiva. Em contexto de igreja, depois que todo mundo já sabe sobre sua sexualidade, como na igreja de seu pai, geralmente ainda tem um silêncio que é protetor, sem apontar e expor a pessoa.

Quando questionado se já teve experiência em igreja inclusiva, Bruno responde:

Sim, eu não gostei. Eu não gostei porque eu estava esperando uma explicação super e não teve explicação super, sabe? A explicação deles é muito mais: Ah, não faz sentido e ponto (...). Eu queria que tivesse uma explicação melhor (...). Não gostei e fui embora, só por isso. Mas assim, achei bem esquisito todo mundo ser gay (risos). Né, porque é diferente. Mulher com mulher, homem com homem, só que aí tinha um papo esquisito... um povo diferente. Até pro mundo gay eu acho eles diferentes, eu não sei explicar (...). Ah, eles são muito: Não vai pra balada, não pode ficar, não pode transar. Pode ser gay, pode transar antes do casamento. Uma coisa que eu vejo que tipo assim: pode transar antes do casamento, ok, mas um pastor falar isso em púlpito: Como você vai saber se vai dar certo o sexo? Tem que transar antes. Pra mim não é assim, pra mim sexo antes do casamento pode porque você gosta da pessoa. Sabe? Eu vi que ainda tinha coisas imaturas dentro da igreja, talvez ainda não tivesse um consenso. Eu vi que era uma coisa muito nova, qualquer pessoa falava qualquer coisa e isso me irritou... fui embora. Lá era rigidíssimo, eu ia pra festa e o povo ficava hmmm, eu ia beber o povo ficava hmmm. Mesma coisa da outra igreja (a que ele frequentava quando era criança até sua adolescência) (...).

Então, para ele o ideal é seguir o que a igreja diz com certo equilíbrio mesmo sendo gay. É como se ele concordasse de alguma forma com o conservadorismo da igreja, mas ao mesmo tempo ele reclama que a igreja inclusiva que ele frequentou é retrógrada em alguns aspectos. É possível questionar como a moral cristã e os

controles da sexualidade se adéquam numa vida gay com todas essas questões de pureza e impureza. Porque ao mesmo tempo em que Bruno concorda que sexo antes do casamento não é pecado, ele coloca o limite de que sexo tem que ser com pessoas que você gosta e critica o pastor que falou no culto que as pessoas têm que transar mesmo para saberem como é. Percebe-se que o caráter heterogêneo das igrejas evangélicas comuns se reflete nas igrejas evangélicas inclusivas.

Mesmo querendo uma explicação melhor, ele fala:

Mas é só porque se você for parar pra pensar não faz sentido, por que isso é pecado? Por que beber é pecado, por que isso é errado? Por que beijar na boca é pecado? Sei lá, muita coisa não faz sentido e está escrito na bíblia. Então eu sou difícil de ser convencido. Realmente é questionável (...). Pra mim seria o ideal uma igreja gay, só que aqui em Brasília não tem muita gente ainda que... talvez em São Paulo tenha já do meu jeito. Porque o bom é que a igreja tenha o nosso jeito, né (...). Eu me vejo numa igreja gay, claro. Eu só não me vi nessa igreja porque eu acho que o jeito evangélico deles hmmm... não era o meu, mesmo. Eu estava lá me irritando com tudo. Não por eles serem gays, mas aquele jeito lá, não sei (...).

É possível observar com o relato acima que Bruno tem a percepção de que a escolha da igreja seja por questão de gosto, como se fosse um ato de escolha racional. Como contraponto, poderia apontar que a orientação religiosa depende de experiências significativas, mais do que de escolhas racionais. São estas experiências significativas que produziriam uma identificação com uma determinada religião ou comunidade religiosa (BIZERRIL, 2015).

Vida profissional

Como já mencionado anteriormente, Bruno é formado em Ciências da computação, portanto trabalha na área de tecnologia e faz alguns trabalhos como modelo. Mencionou que ser gay dificulta no trabalho:

Não, eu acho que existe muito preconceito, mas nunca ninguém vai falar isso. Ninguém vai falar: Eu não quero ele porque ele é gay. Mas existe preconceito, né. Por exemplo, eu acredito que eu não dei certo na agência de modelo porque eu sou gay, entendeu? E o fato de eu ser gay no meu *snatch* fazia a mulher da minha agência não acreditar que eu poderia convencer os clientes de que eu não era gay. Afinal de contas se eu tiver que tirar uma foto seduzindo a Gisele Bündchen, você não pode ser gay, você tem que convencer que você é homem. Ela vinha algumas vezes falar pra mim: Bruno, você pode ser gay, mas chega um cliente, ele vai te contratar pra tirar foto como homem, ele quer um hetero, ele não quer um gay. Então não tem problema você ser gay. Mas eu senti que eu ser gay fazia ela não olhar pra mim como uma primeira opção. E aí eu vejo isso nos trabalhos (...).

No relato acima Bruno fala que as agências não aceitam gays porque eles querem homens, como se ser gay não fosse ser homem. Ser gay é ser homem como um fato, mas como representação de homem, não. Porque a suposição para a sociedade heteronormativa é que se a pessoa não está adequada ao que é esperado de um homem ou de uma mulher, então ela não é classificada como tal (BUTLER, 2003).

Pode-se observar também que a experiência de Bruno sobre poder ser gay no trabalho, mas “não poder” mostrar que é, corresponde com o que Eribon (2008) diz sobre a dicotomia do público e privado. A pessoa acaba limitando-se à preocupação de estar mostrando sua homossexualidade de mais ou de menos em determinados lugares. Mais uma vez a questão do “armário” aparece só que agora em contexto de trabalho. Certamente quando os pais de Bruno mostram preocupação sobre o filho estar “mostrando demais” sua identidade sexual, tem a ver com a preocupação em relação às oportunidades de trabalho que o filho possivelmente perderá por ser gay.

Uma das questões observadas por Bruno sobre os homossexuais no ambiente de trabalho que se assemelha com a problemática das mulheres no mesmo contexto:

O gay tenta ir realmente lá na frente pra tentar ser melhor. Pra não ter o que questionar: Ah eu sou gay e você não gosta, mas não faz um trabalho que nem eu, então pff. É isso que o gay faz em todo sentido (...). Então é importante, é uma merda isso acontecer, mas é importante a mulher ver que: Ó, eu vou mostrar que eu sou melhor, porque senão ele vai me subestimar. Aí isso acontece e outras mulheres podem ser normal porque... (...).

Como pontuado na revisão de literatura, Eribon (2008) relata que a subjetividade e a personalidade dos homens gays são moldadas e marcadas pela injúria, o que corresponde com o relato de Bruno quando ele fala que os empregadores sempre esperam que os homossexuais terão um pior desempenho no trabalho. Mesmo com essa realidade, Bruno vê o lado positivo dessa dinâmica repressiva. Ele enxerga essa realidade como ruim, mas sabe que faz parte do processo de inclusão dos homossexuais na sociedade.

Em diversos momentos das duas dinâmicas conversacionais foi possível perceber a presença da negociação do “armário” na fala de Bruno. Este é um assunto que será mais bem discutido no próximo tópico, mas pode-se observar a relação deste tema com o tema “trabalho”, conforme pode ser visto na seguinte fala:

Meu jeito formal é, por exemplo, quando eu vou apresentar um trabalho. Quando você apresenta um trabalho você não vai falar gírias, você não vai falar... como é que você fala? Formal. É isso que eu quero dizer. Se eu for em uma entrevista de emprego, eu vou falar formal, eu não vou falar assim: Nossa, fala sério, puta que pariu. Eu não vou falar como eu falo, eu vou falar formalmente.

Na sequência eu o questioneei: “Então você caracteriza esse jeito formal sem o “jeito gay”?”. E ele respondeu: “É, pra mim é. Quando eu faço, automaticamente eu sou uma pessoa séria, eu visto isso... eu fico bem enquadrado”. Bruno, de acordo com a subjetividade social em que ele se encontra, categoriza o “jeito gay” como sendo algo inapropriado para ambientes de trabalho e esse ato de tentar não demonstrar que é gay ou evitar mostrar características de gay pode ser considerado um tipo de “armário”, como descrito por Eribon (2008).

Negociação do “armário”

A negociação do “armário” pode ser considerada em todos os gestos de “permanecer ou sair do armário” de alguma forma em determinados lugares, como visto no parágrafo anterior. Como Eribon (2008) comenta, a pessoa nunca está totalmente fora ou totalmente dentro, o que depende é o contexto que ela se encontra, o que pode ser visto na fala de Bruno:

Eu não sei. Talvez eu tente não ter jeito de gay, não sei, pra falar como as pessoas falam, não sei. Enfim, mas é porque eu acho que é um problema mesmo que tem na sociedade, e acaba que o jeito formal tenta cada vez mais tirar esse jeito pra tentar padronizar (...). Pra tentar não ser excluído. É exatamente isso, porque eu quero entrar no mercado de trabalho, isso que é uó, porque eu queria poder ser eu, né! (...).

Ele age nessa lógica com o intuito de se enquadrar no padrão ideal do que é ser homem para sofrer menos discriminação, então a subjetividade de Bruno é estruturada também a partir dos meios que ele encontra para se adequar. Também é possível perceber nesses trechos o fato de que a discriminação é proporcional ao desvio da performance em relação à norma heterossexual. Quanto mais a pessoa foge da regra, mais ela sofrerá discriminação. Portanto, quanto mais o homossexual for afeminado, mais discriminação ele sofrerá, e isso acontece até no meio gay (ERIBON, 2008), como é possível observar no relato de Bruno:

Então assim, ainda existe muito preconceito no mundo gay. Ainda tem gente que chega e fala: Ah, esse é muito afeminado. Ou seja, ele é lindo, ele é perfeito, bota ele lá pra cima, só que é um defeito ser afeminado e isso é uma

bosta. Essa pra mim é uma questão que eu acho mais uó no mundo gay, porque dar o cú ou não, isso não é um problema muito grande.

Logo, assim como para Eribon (2008), Bruno demonstra que o que não é aceito pela sociedade não é exatamente ser homossexual, mas falar e mostrar que é. Com os trechos a seguir podem-se observar os conflitos internos que Bruno vivencia em relação à negociação do “armário”:

A pessoa sabe que todo mundo vê que ela tem um jeito... se a pessoa tem um jeito, né, porque tem gente que não tem, são abençoados por não ter. Sorte porque de certa forma é mais fácil. Então abençoado por esse sentido, mas não deveria ser (...). Eu não quero mudar o meu jeito. Eu quero ser assim, eu gosto de ser assim, eu gosto de falar assim, sabe? Aí você se sente péssimo por você ser assim. Aí é uma bosta, eu acho que esse é o pior sentimento que uma pessoa pode ter e sentir (...). E aí vem esse negócio de novo de tentar equilibrar, saber até que ponto eu posso ser eu mesmo ou não, se eu vou lutar ou não, se eu vou querer ser um militante ou não, e eu estou nesse processo de tentar me encontrar no mundo (...).

Com o relato acima se pode dizer que é mais fácil quando não se tem o “jeito de gay”, pois a pessoa tem que se esforçar menos para se manter “no armário”, ocultando sua (homos)sexualidade, e mostrar sua identidade sexual apenas para quem ela quiser. É como se o homossexual não afeminado tivesse mais liberdade e sofresse menos repressão que os demais. É possível observar também novamente a presença da ambivalência na história de Bruno, em que ele se encontra em diversos momentos tendo que escolher se vai se mostrar mais ou menos. Claramente ele se incomoda com o fato de ter que se mostrar de menos em algumas situações, mas percebe que às vezes é necessário, como podemos ver nos trechos seguintes:

Eu tento ter o meu jeito e acabou. Mas como diz meu pai, às vezes ele chega e fala: Bruno, seja mais reservado, isso vai te proteger na vida. E aí entra aquela opção: E aí? Eu vou querer lutar pelo mundo gay ou eu vou querer ficar de boa? Isso é uma decisão pessoal que eu vejo várias pessoas tomando a decisão de não lutar e outras pessoas tomam a decisão de lutar e ir em frente, e acabou, esse é o meu jeito e todo mundo vai ter que engolir (...). Não é fácil escutar isso, primeira coisa. Segunda coisa, não é fácil decidir isso. Porque ao mesmo tempo que eu quero ter uma vida boa, eu não quero virar as costas pra uma luta que eu acho importante e que pode me fazer ter uma vida de merda (...).

O fato de ele ter o interesse de lutar pelo mundo gay é um fator que o coloca em uma situação de ambivalência, porque essa é uma posição de exposição o que o leva novamente à questão: Se mostrar totalmente ou não? Será que vale a pena?

Pois envolve a abdicação de muitas oportunidades de acordo com a realidade da sociedade em que ele se encontra.

Contrariamente ao que Eribon (2008) fala sobre o homossexual que “sai do armário” ser menos marcado pelos conflitos e tensões de se esforçar para não se mostrar gay, com o relato de Bruno a seguir é possível perceber que mesmo depois de “sair do armário”, ele vive as tensões da negociação do armário:

Mas isso me incomoda no sentido de que parece que o meu jeito evidencia demais o que eu sou sem eu querer evidenciar. Eu nunca quis evidenciar o que eu era porque eu estava tentando não ser. A partir do momento que eu estou tentando não ser mais, teoricamente eu vou ser eu mesmo e pronto, porque nem depois de eu ser eu mesmo é fácil. Mas eu não queria evidenciar o que eu era e evidenciava e pra mim era uma bosta.

Bruno conta uma experiência de discriminação que teve em uma festa de aniversário de um amigo:

Eu fui num aniversário de um amigo gay, que ele convidou um bando de amigos gays e convidou a família dele também. E a família toda dele sabe que ele é gay e que ele tinha amigos gays e que iam ter amigos gays lá. Todo mundo bebeu, eu bebi, fiquei bêbado. E eu bêbado eu danço até o chão, rebolo, eu sou gay. E aí eu não lembro, porque pra mim tava todo mundo fazendo a mesma coisa, mas eu não lembro se eu fui mais gay que todo mundo, eu não sei o que aconteceu, se foi uma implicância porque o cara me olhou ou não. Mas o pai dele surtou e foi pra cima de mim e me empurrou, gritou: Para com isso! E aí foi quando pararam a briga. Assim, briga porque ele começou, porque eu jamais ia... né, brigar. Aí eu fiquei chocado, eu lembro que eu quis morrer. Porque é engraçado como todo mundo aqui pode e eu, que talvez tenha um jeito diferente, não posso. Ele ficou revoltado comigo. Pode ter sido que talvez ele tenha visto naquele momento um jeito gay em mim e viu o jeito gay em todo mundo antes e naquele momento eu fui pego pra Cristo, pode ter sido, eu não sei, mas aconteceu. Então eu entendi que naquela família, mesmo todo mundo entendendo que ele era gay, que todo mundo sabia que ia ter amigos gays lá, quando uma pessoa está bêbada, às vezes ela faz o que ela não pensa. Às vezes se ela tivesse sóbria, ela ia pensar e talvez não fosse falar nada. Mas é bom a gente ficar calmo. Aí é o que? Me podar de novo, fazer aquilo que eu fazia antes.

Nesse caso evidencia que o problema não é ser gay, mas se mostrar como gay. É como se em alguns locais fosse possível “sair do armário” até determinado nível e quem determina esse limite são as pessoas heterossexuais. Esse relato evidencia mais uma vez que a discriminação é proporcional ao desvio da norma padrão. Bruno cita de novo a questão de ter que se enquadrar e o tanto que isso é problemático para ele. Mas ao mesmo tempo ele entende que no cotidiano estamos sempre nos “podando” em determinados lugares, até os heterossexuais. E isso mostra uma nova ambivalência:

Mas são linhas tênues, porque você já se poda. No sentido de que, você vai entrar numa igreja e já vai ser você? Não, você vai conhecer as pessoas e vai ficar de boa. Então pode ser que seja isso. Eu acho que quando eu to com vergonha, quando eu não conheço, eu tenho um jeito mais natural. Eu não sei se aqui na minha mente eu acabei colocando um jeito natural é: Não gay, formal é não gay. Mas eu acho que quando eu estou formal, eu consigo ser “não gay”. Pode ser que o meu jeito formal já seja não gay porque sim. Pode ser que eu sem querer na minha vida, por essas influências, tenha feito com que o meu jeito formal não seja gay por proteção, eu não sei.

A ambivalência aqui é de não ter certeza se o seu jeito próprio é o “jeito gay” ou se não. Ele chega a classificar seu jeito natural como sendo “menos gay”. Ele acaba vivendo em uma crise de identidade por em algum momento buscar o que ele é de verdade, se é o “jeito de gay” ou “não gay”. Ele se constitui na junção de todas essas questões, pois como Eribon (2008) relata, o desenvolvimento da identidade, da subjetividade e da personalidade dos gays é marcado pela injúria. Ao mesmo tempo ele tem lucidez de que ele pode ter esses pensamentos por influência da sociedade heteronormativa e que na verdade “ser gay” é o seu próprio jeito. Ele sabe que todas as pessoas em determinado momento não se mostram por completo em determinados lugares, mas que essa é uma problemática mais complexa para a realidade homossexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu refletir sobre como o pensamento hegemônico que está atrelado à religião cristã, que configura a subjetividade social de diversos espaços sociais, pode repercutir negativamente na subjetividade individual com relação à descoberta da identidade sexual e à vivência da homossexualidade. Principalmente os modelos prescritivos acerca do papel da masculinidade, porque o sujeito de pesquisa é homem, e as consequências para aqueles que não seguem o ideal estabelecido.

Pôde-se refletir também sobre o fato de que a história do sujeito de pesquisa é marcada por ambivalências, não só em relação aos seus conflitos internos, mas a ambivalência aparece nos relatos de seus pais e nas vivências da igreja relatadas pelo participante, mostrando o sentido da homossexualidade nesses contextos da vida dele. O conflito que o sujeito de pesquisa vivencia diariamente sobre se mostrar ou não se mostrar gay em seus comportamentos, que se configura justamente como a negociação do “armário” discutida na construção da informação (ERIBON, 2008; SEDGWICK, 2007).

Muito da história dele de sofrimento corresponde a várias outras histórias de homossexuais, não necessariamente em contexto evangélico. Mas identificou-se também o confronto entre a vivência homossexual, e aquilo que é socialmente esperado, no contexto vivenciado pelo sujeito de pesquisa. Isso resulta em frustrações e dúvidas sobre suas experiências e o que ele enxerga como certo e errado por influência da moral cristã. Portanto, o processo de construção da subjetividade do sujeito de pesquisa foi perpassado pela moral, crenças e valores que são inevitavelmente atrelados à religião cristã que se faz tão presente ao longo da vida dele. O que afetou diretamente a fase de descoberta da homossexualidade e causa um embate cotidiano em sua subjetividade, sobre não saber se está sendo congruente com sua religião ou não.

Com esse estudo pode-se imaginar novas direções de pesquisa a partir das contribuições e possibilidades construídas nessa Monografia. O sujeito de pesquisa foi um homem homossexual. Portanto, seria possível um estudo comparativo com este para se refletir sobre as diferenças nas experiências de um homem gay cristão e uma mulher lésbica cristã. E aprofundar na discussão sobre lesbofobia, já que existem características específicas além da homofobia, pois há um duplo

menosprezo quando se trata de lésbicas: o fato de ser mulher e ser homossexual (BORRILLO, 2009).

É possível se pensar também em estudos comparativos sobre o tema em diferentes igrejas cristãs ou em religiões diferentes. Já que o Brasil é um país com diversidade religiosa, as experiências da homossexualidade serão diversas. E pensando no universo cristão evangélico, é possível a produção de estudos comparativos entre as denominações evangélicas, já que esse universo se configura como heterogêneo (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013).

Esta pesquisa contribui para a discussão na Psicologia sobre religiosidade e gênero, recorte que se faz relativamente ausente. Com o intuito de pensar em possibilidades de intervenções que provoquem o encontro dialógico e que proporcione situações favoráveis à produção de novos sentidos diferentes do pensamento dominante, com o objetivo de gerar espaços para reflexão e produção de sentido sobre questões de identidade sexual e de gênero atreladas à religião e suas implicações. Pois pensar nessas questões sem associar à religião, considerando que o Brasil é um país onde a religião é um fator de importância na formação da identidade das pessoas, é empobrecer a discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Maria Cristina Rocha; OLIVEIRA, José Evaristo Filho. A inclusão de homossexuais no protestantismo. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, p. 117-135, out 2012.
- BIZERRIL, José. Dilemas Classificatórios: Fronteiras entre a Experiência Religiosa e a Psicopatologia. In: FREITAS, Marta Helena; PEREIRA, Ondina Pena (Orgs.). **Vozes do Silenciado: Estudos nas Fronteiras da Filosofia, Antropologia e Psicologia**. Brasília: Universa, 2007, p. 129-152.
- BIZERRIL, José. O lugar da diferença religiosa nas subjetividades sociais brasileiras e suas implicações para a saúde. In: GONZÁLEZ REY, Fernando; BIZERRIL, José (Orgs.). **Saúde, cultura e subjetividade: uma referências interdisciplinar**. Brasília: UniCEUB, 2015, p. 35-57.
- BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs.). **Homofobia & Educação: Um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres, 2009, p. 15-46.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 485-492, set 2013.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos pagu**, n. 28, p. 101-128, jun 2007.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 2, p. 121-161, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2014.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jun 2007.

VIEIRA, Érico Douglas; PERES, Lorena Assis. Percursos da construção da identidade de jovens adultos homossexuais. **Psicologia em Foco**, v. 7, n. 9, p. 33-52, jul 2015.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, fev 2001.

ANEXO

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Nome da Pesquisa: Os sentidos subjetivos da homossexualidade em um contexto evangélico

Pesquisadora: Karla Jordana de Moraes Carvalho

Orientador: José Bizerril Neto

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Os sentidos subjetivos da homossexualidade em um contexto evangélico” aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com número CAAE 58155316.9.0000.0023. É uma pesquisa que está sendo realizada na disciplina de Monografia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) do curso de Psicologia - FACES. O objetivo dessa pesquisa é investigar como foi o processo de descoberta da homossexualidade do participante que cresceu dentro de um contexto evangélico cristão e compreender como se deu o processo de construção da subjetividade desse indivíduo.

Os procedimentos para a obtenção das informações serão a exibição de um filme chamado Orações para Bobby e a dinâmica conversacional, que consiste em um momento de diálogo e debate sobre o filme e as experiências do sujeito de pesquisa. Para isso, acontecerão alguns encontros presenciais, de acordo com a sua disponibilidade e no lugar de sua preferência, que envolverá diálogos sobre temas como homossexualidade e religião. A dinâmica conversacional será gravada com a sua permissão para fins de análise.

A sua participação será voluntária, podendo desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Todas as informações que possam te identificar serão omitidas. Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas. O material com as suas informações (gravação) ficará guardado sob a minha responsabilidade com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um

todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade. Sua participação poderá ajudar na ampliação do conhecimento sobre o tema que será estudado. Caso haja dúvidas, estou à disposição pelo telefone: (61) 999526295; email: k.jordana@hotmail.com.

Após ter tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos desta pesquisa:

Eu, _____

Idade: _____ RG: _____ Endereço: _____

_____, aceito participar do estudo a ser realizado por Karla Jordana de Moraes Carvalho. Eu recebi uma cópia deste termo e a possibilidade de poder lê-lo.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

José Bizerril Neto

Assinatura da Pesquisadora Auxiliar

Karla Jordana de Moraes Carvalho

Brasília, ____ de _____ de 2016.